

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO E DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Denise Conceição Ribeiro

**O LUGAR COMO EMERGÊNCIA DE CAMINHOS E CONVERGÊNCIAS PARA O  
PERTENCIMENTO E A APRENDIZAGEM**

Santa Cruz do Sul  
2018

Denise Conceição Ribeiro

**O LUGAR COMO EMERGÊNCIA DE CAMINHOS E CONVERGÊNCIAS PARA O  
PERTENCIMENTO E A APRENDIZAGEM**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Educação, na Linha de Pesquisa Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem na Educação, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Gustsack.

Santa Cruz do Sul  
2018

### CIP - Catalogação na Publicação

Ribeiro, Denise Conceição

O lugar como emergência de caminhos e convergências para o pertencimento e a aprendizagem / Denise Conceição Ribeiro. – 2018.

60 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2018.

Orientação: Prof. Dr. Felipe Gustsack.

1. Aprendizagem. 2. Educação. I. Gustsack, Felipe. II. Título.

Denise Conceição Ribeiro

**O LUGAR COMO EMERGÊNCIA DE CAMINHOS E CONVERGÊNCIAS PARA O  
PERTENCIMENTO E A APRENDIZAGEM**

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Educação, na Linha de Pesquisa Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem na Educação, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

*Dr. Felipe Gustsack*

Professor Orientador-UNISC

Dra. Sandra Regina Simonis Richter

Professor examinador-UNISC

Dr. Jorge Luiz da Cunha

Professor examinador-UFSM

Santa Cruz do Sul

2018

*Dedico este trabalho à memória de meus pais Paulo Fernando Ribeiro e Maria Conceição Ribeiro que sempre foram exemplos de generosidade, sabedoria e integridade. Virtudes que aprendi e que foram indispensáveis na minha caminhada.*

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meu carinho e reconhecimento a todos, que de alguma forma participaram desta minha caminhada.

Em especial, agradeço ao meu orientador, professor Dr. Felipe Gustsack, pela condução generosa, por seu olhar atento e pelas valiosas contribuições para que essa dissertação fosse possível, ensinando-me, no percurso da escrita, a dialogar com os livros. Obrigada por compartilhar comigo seu conhecimento!

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul, especialmente aos Professores: Sandra, Nize, Cheron, Ana Luisa, Mozart e Éder, que contribuíram significativamente para os percursos delineados para esta dissertação.

Agradeço à minha grande família e, em especial, à minha mãe, companheira de toda vida, que partiu antes que eu pudesse concluir este trabalho.

Ao meu amor, Gerson Schwartzbold, parceiro e porto seguro. As palavras aqui seriam insuficientes para expressar minha gratidão e amor.

Às minhas sobrinhas pelo carinho e incentivo.

Aos meus irmãos Marcelo, Gerson, Cati, Rosane e Claudete agradeço pelo apoio nos momentos difíceis.

Aos meus amigos recentes e de longa data. Em especial, à colega e cunhada Denise Fialho, agradeço por todos esses anos de companheirismo e amizade, pela parceria no Mestrado, compartilhando angústias e dúvidas.

Agradeço à minha sobrinha Paula Ciochetto e, também, à amiga Stela Piccin pela leitura criteriosa, revisão e correção gramatical.

Ao Colégio Militar de Santa Maria e, em especial, à Coordenação e alunos do 9º ano que me ajudaram na construção deste trabalho.

É difícil fazer os agradecimentos sem correr os riscos de esquecer alguém, pois são muitos os que me ajudaram a compor este trabalho. Embora a escrita seja individual, ela teve a participação direta e indireta de inúmeras pessoas. Foram muitos momentos de aprendizagem, desafios e vivências nestes últimos anos.

Muito obrigada!

*A vida não é a que a gente viveu,  
e sim a que a gente recorda,  
e como recorda para contá-la.*

**Gabriel Garcia Marques em *Viver para contar*.**

## RESUMO

Tendo como ponto de partida minha trajetória por diversos espaços, muitos dos quais se tornaram lugares, busquei, na pesquisa narrativa que deu origem a esta dissertação, investigar o conceito de lugar de maneira a compreender de que forma vejo-me constituindo com ele, a fim de entender minhas escolhas, inclusive de formação acadêmica e opção na área da educação. Além disso, investiguei como o tema é percebido por um grupo de alunos, que possuem uma vivência semelhante à minha. A proposta levou-me a problematizar e refletir em torno do conceito de lugar como espaço da afetividade, como emergência de caminhos e convergências de ideias, de sentimentos de pertencimento, ou seja, de como o homem se constitui neste (e através deste) lugar, uma vez que é através do local/global que podemos ver o “mundo inteiro” e a nós mesmos. Para ilustrar e dar suporte à investigação, procurando abordar o tema a partir de diversos autores estudados na Linha de Pesquisa Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem em Educação, recorri à teoria da complexidade e aprofundei meus estudos especialmente em Edgar Morin, Francisco Varela e Humberto Maturana. Para tanto, utilizei o método fenomenológico a partir dos entendimentos de Merleau-Ponty e Bricault. Com relação ao conceito de lugar, apoiei minhas pesquisas em autores como Milton Santos e Yi-Fu Tuan. O objetivo foi compreender o lugar como *locus* privilegiado de contato e de relações homem-mundo, lembrando que daí emerge a aprendizagem. As conclusões apontam para a compreensão de que as percepções, as vivências e a memória dos seres humanos e dos grupos sociais são, portanto, elementos importantes na constituição de saberes, não apenas geográficos, mas, sobretudo, pedagógicos e educacionais.

**Palavras-chave:** Lugar; Aprendizagem; Vivência; Pertencimento; Convergência.



## ABSTRACT

Considering as a starting point my trajectory through different spaces, many of which have become places, I have tried, in the narrative research that originated this dissertation, to investigate the concept of place in order to understand how I see myself in construction with it, in order to understand my choices, including my graduate studies and the option in the education field. Besides that, I investigated how the theme is perceived by a group of students who have a similar experience to my own. The idea made me problematize and reflect upon the concept of place as space for affection, as the appearance of ways and convergence of ideas, of feelings of belonging, that is, of how the person constitutes him/herself in (and through) this place, once we can see the “whole world” and ourselves through the local/global space. In order to exemplify and to give support to the investigation, as well as to attempt to approach the theme from the perspective of many authors that have been studied in the Learning, Technologies and Language research line, I based my work on the complexity theory and deepened my studies specially in Edgar Morin, Francisco Varela and Humberto Maturana. To do so, I used the phenomenological method from the considerations of Merleau-Ponty and Bricault. Concerning the concept of place, I supported my researches in authors such as Milton Santos and Yi-Fu Tuan. The aim was to understand place as a privileged *locus* for the contact and for the relations between the man and the world, having in mind that there is where the learning emerges. The conclusions point to the understanding that the perceptions, the experiences and the memory of the human beings and the social groups are, therefore, important elements in the constitution of not only geographical knowledge, but also pedagogical and educational ones.

**Key words:** Place; Learning; Experience; Belonging; Convergence.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>RAZÕES DE SER E DA PESQUISA .....</b>	<b>10</b>
1.1	Relação mediatizada pelo vivido .....	17
<b>2</b>	<b>FORMAÇÃO E LINGUAGEM .....</b>	<b>22</b>
<b>3</b>	<b>LUGAR COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM .....</b>	<b>27</b>
<b>4</b>	<b>EMERGÊNCIAS DE CAMINHOS CONVERGÊNCIAS DE IDEIAS .....</b>	<b>33</b>
4.1	Considerações sobre a história de Santa Maria .....	34
4.2	Caminhos para a pesquisa.....	39
4.3	Colaboradores da pesquisa .....	40
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>50</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>53</b>
	<b>ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....</b>	<b>58</b>
	<b>ANEXO B – Questionário apresentado para os jovens estudantes.....</b>	<b>60</b>

## 1 RAZÕES DE SER E DA PESQUISA

*Deixamos a terra firme e embarcamos!  
Queimamos a ponte – mais ainda,  
Cortamos todo laço com a terra que ficou para trás!  
Agora tenha cautela, pequeno barco! Junto a você está o oceano.  
Friedrich Nietzsche*

Ao apresentar o tema e a justificativa da pesquisa que deu origem a esta dissertação, gostaria de trazer algumas reflexões, que me afligiram e ainda me afligem, acerca do ato de escrever. Problematizo o quanto é difícil o início deste processo, tomando-o, ao mesmo tempo, como essencial para quem está em um curso de pós-graduação, mergulhada na experiência de inventar-se pesquisadora em Educação. Afinal, colocar em imagem o pensar, traduzir em sinais gráficos o que vem aos sentidos e permitir que as palavras me inventem, pois é assim que pretendo pensar a ação de escrever, que requer inspiração e coragem. Desse modo, é isso que tento expressar nas linhas abaixo. Ou seja, que a ação de escrever também é, desde uma perspectiva fenomenológica, constitutiva do fenômeno estudar/pensar o que estou propondo.

O início da escrita é bastante difícil, principalmente para quem não está habituada, como eu, a essa experiência. Na verdade, escrever é uma arte e deveria ser mais exercitada desde o início da alfabetização, já que aprender a ordenar as palavras e colocá-las no papel constitui um imenso desafio. Não por falta de palavras, ainda que, às vezes, isso ocorra, mas pela falta de hábito ou mesmo pelo medo da crítica (no caso dos trabalhos acadêmicos). São inúmeros os pretextos para adiar o momento de se iniciar a escrita, para colocar-se nesse lugar. Conforme ouvi de um palestrante: “tem gente que escreve com os pés”<sup>1</sup>. Ele fazia uma alusão aos que estão sempre buscando pretextos, caminhando de lá para cá, no sentido de adiar o momento sublime do contato com a “pena e o papel”, ou dos dedos com o teclado e a tela do computador. Outros, como eu, costumam escrever com a boca, sempre mastigando alguma coisa para diminuir a ansiedade. Mas, por fim, penso ter compreendido que:

Por mais que esse enfrentamento seja evitado ou postergado – pode-se sair para caminhar, arrumar a casa, cuidar da horta ou jardim, descobrir que se adora preparar deliciosos pratos etc. – chega uma hora que não há como fugir... Impassível a folha/tela em branco nos aguarda para o encontro marcado. É a hora de entender na prática, a mistura entre a inspiração e transpiração! (BIANCHETTI, 2008, p. 258).

---

<sup>1</sup>BIANCHETTI, Lucídio. Formação e atuação de orientadores/as na pós-graduação. Seminário especial-PPGEdu. UNISC. Santa Cruz do Sul, 23 e 24 de junho de 2016.

Além disso, penso que em uma escrita baseada em pesquisa empírica, as palavras vão surgindo conforme o encontro com os dados e seu registro, o planejamento e a experiência do autor. Já a escrita baseada em pesquisa bibliográfica, me parece mais delicada, pois qualquer deslize pode configurar plágio. E, no início, é constante a impressão de que tudo já foi escrito ou dito, portanto, (re)escrever de outra maneira exige muito cuidado e atenção. Todavia, sei que esse erro, bastante frequente no mundo acadêmico, ocorre em virtude de nossa pouca experiência, da carência de percursos de experiência de escrita, dadas as formações aligeiradas que tivemos. Nem sempre temos a intenção de fazer um “recorta” e “cola” e, mesmo assim, muitas vezes, o fizemos para por à prova nossa inspiração. Afinal, esse contato com vários autores e diferentes abordagens de nosso tema causa uma agitação mental, uma espécie de não saber onde nos colocarmos. Assim, também, já não sabemos onde colocar o que é nosso e o que é do outro. O que conforta é saber que uma pessoa mais experiente – essa mesma que persigo agora – estará cada vez mais acostumada a esse tipo de escrita acadêmica e passe a encontrar menor dificuldade logo ali, nas próximas ações de escrever.

Para Goldberg (2008, p.13), “aprender a escrever não é um processo linear”, não existe etapas e nem sequências para tornar-se um bom escritor, não existe certo ou errado. Escrever significa lidar com as emoções, com o seu “eu” pessoal, ou seja, lidar com a vida e isso possibilita nos conhecer melhor e, também, nos aproximarmos de nós mesmos. Segundo a autora, o exercício constante da escrita é que vai nos ofertar segurança e possibilitar que o papel em branco não nos intimide. Contudo, para mim, ainda é muito presente essa espécie de insegurança para dizer com as minhas palavras o que estudo e o que desejo/quero dizer. Ocorre uma preocupação em mudar as palavras, mas quando se vê, repete-se o conteúdo/assunto que outro já havia tratado. Nesse sentido, o *feedback* do professor orientador, quando são realizados esses primeiros experimentos de escrita é importantíssimo, pois ajuda a repensar o caminho e buscar alternativas, não apenas para dizer diferente o que outros já escreveram, mas, sobretudo, para dizer outras coisas, escrever o que ainda não sabemos, mas esperamos dizer. Isso ocorre quando o professor tece considerações e vê no aluno uma pessoa em processo de aprendizagem e não um estudante mal-intencionado. Aí está, segundo vejo, uma das belas maneiras de se fazer educação.

Feitas essas considerações iniciais, nas quais procurei apontar a compreensão da escrita como ação que me constitui ao mesmo tempo em que constitui parte do fenômeno que propus estudar, sigo nesta experiência de escrita. Adiante, procuro tratar um pouco da minha trajetória até o Mestrado em Educação, de maneira a compreender a minha escolha do tema e de que modo venho me constituindo com ele.

Nasci em Nioaque, cidade do estado de Mato Grosso do Sul. Aos três anos, minha família voltou para o Rio Grande do Sul e fomos morar em Cachoeira do Sul, cidade natal de meus pais. Lá permaneci até os cinco anos, quando, por motivo de trabalho, meu pai foi transferido para Santa Maria, cidade que considero o “meu lugar”. É a partir dele que me identifico e me constituo. Devo lembrar que esse período, entre todos, foi um dos mais felizes, pois é daí que emergem minhas primeiras lembranças de encontros, relações, aprendizagens.

Nessa perspectiva, o lugar, segundo Milton Santos (1996, p. 158),

Consiste da extensão do acontecer solidário. A diversidade é própria dos lugares. Muda o mundo e, ao mesmo tempo, mudam os lugares. Os eventos operam ligação entre os lugares e uma história em movimento. O lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente.

O lugar pode ser caracterizado como um *locus* de convivência humana na qual estamos permanentemente em linguagem, mediatizados pelo e no mundo. Segundo Freire (1996, p. 18), “mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não-eu” se reconhece como a “si própria” (grifos meus).

Lugar é onde se vive, onde manifestamos nossas ações através do cotidiano e é com ele que mantemos nossos vínculos afetivos, através da história de nossas vidas, dos amigos que conquistamos e dos valores que vamos adquirindo ao longo do tempo. São essas relações que, somadas ao lugar, nos permitem construir o espaço em que vivemos. Minha intenção, para além disso, é aprender a pensar o lugar como aquele espaço mais sensível, íntimo, talvez, até visceral, onde vive em nós – em mim – aquilo que podemos ser – aquilo que vou conseguindo ser, visto que “gosto de ser gente, porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele” (FREIRE, 1996, p. 53). Assim, Freire me ajuda a compreender minha presença no mundo, no convívio com o outro, nas relações que estabeleço e na permanente busca por mim mesma.

Para Merleau-Ponty (1994, p.440) o mundo “a cada instante se faz em nós”. Segundo o autor:

Qualquer definição de mundo seria apenas uma caracterização abstrata que nada nos diria se já não tivéssemos acesso ao definido, se nós não o conhecêssemos pelo único fato de que somos. É na experiência do mundo que todas as nossas operações lógicas de significação devem fundar-se, e o próprio mundo não é portanto uma certa significação comum a todas as nossas experiências, que leríamos através delas, uma ideia que viria animar a matéria do conhecimento.

Morei em Santa Maria dos cinco até os catorze anos, aproximadamente. Meu pai era militar e, em virtude da profissão, era transferido para várias cidades. Isso me marcou profundamente, pois toda família o acompanhava. Recomeçar (estudos, amizades, etc.) em uma cidade diferente e aguentar a saudade dos amigos sempre foi muito difícil. De Santa Maria fomos para Santiago, depois para Cachoeira do Sul (novamente), São Borja, e, finalmente, voltamos para Santa Maria. Meu retorno foi muito esperado, sonhado e planejado por mim. Nos meus “devaneios” estava voltando para a “minha cidade”. Esse sentimento de pertencimento ao lugar faz com que me emocione até hoje quando passo em frente de algumas construções históricas, elas se mostram em mim, para mim, como templos, como a Catedral Diocesana e a Basílica Medianeira, por exemplo.

Nesse retorno, iniciei minha vida acadêmica optando por cursar licenciatura em Geografia. Provavelmente, a psicologia explique essa opção, já que desde criança falava que seria professora. Nesse sentido, nunca tive dúvidas quanto à profissão a seguir.

Logo que me formei, já ingressei no mercado de trabalho. Inicialmente, trabalhei em cursinhos e escolas particulares. Depois, fui aprovada no município, no estado e, a seguir, em um concurso federal para professora do Colégio Militar. E é no Colégio Militar de Santa Maria que leciono há 19 anos. Nesse tempo, aperfeiçoei meus estudos com cursos de especialização e outros, nem sempre na minha área de atuação. Fiz trabalhos voluntários e deixei o mestrado para mais adiante. O interesse pelo mestrado só despertou bem mais tarde, devido aos comentários e evidente entusiasmo de colegas que concluíram o mestrado na UNISC. A empolgação deles me cativou.

Decidida a cursar o mestrado, um novo conflito: qual o tema do projeto? Das aulas como aluna especial na disciplina “Pesquisa e Aprendizagem na Educação”<sup>2</sup>, surge o tema *o Lugar*. Lugar onde vivo e moro, onde me vejo em relação com o mundo. Por fim, lugar onde moram em mim as coisas do mundo, pois como diz Mia Couto “o importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós a casa mora” (COUTO, 2003, p. 53).

Remexo no meu passado e encontro ali minha história de vida, considerando a experiência como feita de vivências diversas que me foram e estão constituindo. Nesse sentido, aponto para Dilthey (1989, p. 51), especialmente quando afirma que:

No processo da vida real, desejos, sentimentos e pensamentos são apenas aspectos diferentes. As questões que devemos direcionar para a filosofia não podem ser respondidas através de uma afirmação de um a priori epistemológico rígido, apenas

---

<sup>2</sup>Disciplina ministrada pelo professor Felipe Gustsack, no Curso de Mestrado em Educação, da UNISC, no 2º trimestre de 2015.

através do desenvolvimento de um procedimento histórico fundamentado na totalidade de nosso ser.

De acordo com Dilthey, a experiência humana é formada por vivências. Nesse contexto, considero o lugar como possibilidade de invenção e compreensão do mundo. Nesse mesmo sentido, Gadamer (2002a) nos diz que experimentamos nossas próprias vivências enquanto submersos na historicidade. Desse modo, somos seres históricos com amplas possibilidades de compreensão do mundo, como seres em formação. Para Gadamer (2002b, p. 128-130),

A vivência possui uma imediaticidade que se subtrai a todas as opiniões sobre o seu significado. O que denominamos enfaticamente de vivência significa, pois, algo inesquecível e insubstituível, que é basicamente inesgotável para uma determinação compreensível de seu significado [...]. Algo se obtém, de fato, a cada vivência. Cada vivência é trazida para fora da continuidade da vida e está, ao mesmo tempo, relacionada com o todo da própria vida.

No sentido de vivência, considero todos os acontecimentos que me ocorreram e dos quais tenho consciência, refletindo-se na minha busca, inclusive de formação acadêmica, que acredito ser reflexo de minhas experiências de caráter histórico. Coadunam-se, assim, com um desejo, muitas vezes inconsciente, de materializar, de tornar experiência histórica, aquilo que vivenciei durante a minha vida.

Na perspectiva de lugar, este é resultante das referências com a nossa história, que estabelece a nossa identidade, remontando à memória. Para Carlos (1996, p. 16), “o lugar se apresentaria como ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento”. Nesse ponto de vista, o conceito de lugar está relacionado com sua dimensão histórica, com o espaço vivido, espaço das relações locais e globais, de onde emerge o cotidiano compartilhado com pessoas e instituições. A autora, para pensar o lugar, destaca, ainda que:

[...] significa pensar a história particular (de cada lugar), se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é, que se vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição mundial. (CARLOS, 1996, p. 20).

Para Milton Santos, a globalização tenta impor uma única racionalidade ao mundo e a diferença entre lugar e região, atualmente, é menos relevante,

[...] quando se trabalha uma concepção hierárquica e geométrica do espaço geográfico. Aí, a região pode ser considerada como um lugar, sempre que se verifique a regra da unidade, e da contiguidade do acontecer histórico. E os lugares - veja-se o

exemplo das grandes cidades - também podem ser regiões, nas quais o tempo empirizado acede como condição de possibilidade e a entidade geográfica como condição de uma espacialização prática, que cria novos limites e solidariedades sem respeitar as anteriores... Os lugares se definem, pois, por sua densidade informacional e por sua densidade comunicacional cuja função os caracteriza e distingue. Essas qualidades se interpenetram mas não se confundem. (SANTOS, 1996, p. 145).

Penso, nas minhas idas e vindas por diversos espaços, nos significados adquiridos através das relações sociais, do convívio com diversas pessoas e das marcas visíveis e invisíveis deixadas por essas experiências. Assim, considero que a capacidade de perceber e atribuir significado ao lugar é, de certa forma, a nossa interpretação da leitura que fazemos do mundo através desse lugar – isto é, levo na alma todas as experiências que me constituíram. Nesse sentido, vale mencionar Morin (2002, p. 41) quando nos diz que: “trazemos, no âmago de nossa singularidade, não apenas toda a humanidade, toda a vida, mas também quase todo o cosmo, incluso seu mistério, que, sem dúvida, jaz no fundo da natureza humana”. Complementarmente, lembro que, para Tuan (2013, p. 11), “tempo e lugar são componentes básicos do mundo vivo, nós os admitimos como certos”. De acordo com nossas experiências no mundo, eles podem assumir significados diferentes já que a percepção do lugar e do tempo varia de uma pessoa para outra em virtude das relações e significados individuais.

Cada ser humano percebe e se percebe nos lugares de forma muito particular, íntima e complexa, especialmente porque há muitas possibilidades de interpretar e ler o mundo. Carlos (1996, p. 15) elucida que “o mundial que existe no local, redefine seu conteúdo, sem todavia anularem-se as particularidades”. A autora define lugar como a base da reprodução da vida, podendo ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar. Segundo ela:

A cidade, por exemplo, produz e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é o local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É no espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. (CARLOS, 1996, p. 20).

Para a autora, o humano percebe o mundo através de seu corpo, de seus sentidos. A partir desses dois elementos, se apropria do espaço e do mundo (através dos modos de usos), do bairro, da praça, da rua, ou seja, dos locais mais conhecidos e íntimos para nós, vividos, conhecidos e reconhecidos pelos sentidos.

No Colégio Militar, onde atuo como professora Licenciada em Geografia, sempre tenho curiosidade pelos locais onde os estudantes viveram. Como a maioria é filho de militar, eles vêm de locais distantes, outros estados ou mesmo outros países. Trazem uma bagagem cultural da qual, muitas vezes, não se dão conta e que me permitem explorar. São muitas trocas que me



provocam a indagar até que ponto ocorre a influência das culturas nas atitudes humanas em relação ao espaço e lugar? Que cidades eles trazem dentro de si? Quais significações eles constroem desses locais? Como aprendem e significam esses lugares para si mesmos? É um grande desafio pensar a educação nesse contexto cultural complexo. Assim como, é um desafio pensar a complexidade a partir de mim mesma e do outro. Conhecer o nosso mundo através da interação com ele consiste em aprender a conhecer no próprio fluxo do viver.

Para Morin (2002, p. 16), “o conhecimento só é conhecimento enquanto organização, relacionado com informações e inserido no contexto destas”. Ou seja, isso me permite pensar que aprender é muito mais do que conhecer o já conhecido (o conhecimento). Estamos continuamente nos constituindo, aprendendo e significando nossas aprendizagens. Arriscando-nos àquilo que ainda não sabemos.

A partir dos entendimentos de Maturana e Varela (2001) em torno do conhecer e viver, compreendo que é no viver que conhecemos. Para os autores, “todo fazer é um conhecer e todo conhecer é um fazer (2001, p. 32). Assim, novos paradigmas surgem no caminhar, nossa história se transforma, cria outras nuances à medida que elementos novos emergem na convivência.

As novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (2013) estabelecem a base nacional comum que deverá orientar as propostas pedagógicas de todas as redes de ensino brasileiras. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe o estudo da disciplina de Geografia como uma oportunidade para o estudante compreender o mundo em que vive, através do estudo das atividades humanas e das diferentes sociedades. Além disso, o seu estudo contribui para a formação do conceito de identidade, através da compreensão e significação da paisagem, dos indivíduos, da coletividade e das suas relações com os lugares vividos. Para que os objetivos sejam atingidos, os estudantes devem ser estimulados a desenvolver o raciocínio geográfico, fazendo conexões entre os componentes físico-naturais e as interferências humanas, nesses espaços.

A possibilidade de conhecer diversos lugares e vivenciar as diferenças regionais do nosso país é uma característica marcante dos alunos das Escolas Militares. Existem 13 escolas espalhadas por diversas regiões do país e três na região Sul, sendo uma em Santa Maria. Com relação à Santa Maria, situo esta como área de convergência, uma vez que a cidade recebe estudantes de várias partes do país, cada um com a sua singularidade, trazendo traços dos lugares de onde vêm. Assim, esse lugar, onde atuo como professora, se constitui como motivação, como mobilização de meus interesses científicos e, sobretudo, pedagógicos, para a pesquisa que proponho.

## 1.1 Relação mediatizada pelo vivido

*Para que as palavras durem dizendo cada vez coisas distintas, para que uma eternidade sem consolo abra o intervalo entre cada um de seus passos, para que o devir do que é o mesmo seja, em sua volta a começar, de uma riqueza infinita, para que o porvir seja lido como o que nunca foi escrito...há que se dar as palavras.*

Jorge Larrosa

Busco encontrar em minha experiência pessoal e profissional as fontes para a compreensão da minha formação no sentido de justificar a utilização da minha história de vida, através da narrativa (auto)biográfica e a ligação que existe entre formação e aprendizagem (DELORY-MOMBERGER, 2011). Para a autora, a narrativa corresponde a um dos principais meios de escrita de vida e de invenção identitária:

[...] nossas representações da vida são uma “construção” com origem na história e na cultura. E, por conseguinte, essa construção antropológica varia em função das épocas e das culturas. Portanto, antes de tudo, é necessário desfazer-nos de uma concepção que tenderia a “naturalizar” o curso da existência e refletirmos sobre modelos e programas de percurso existencial inscritos nas instituições e nos espaços sociais, que condicionam nossas representações da vida e nossa própria vida. (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 334).

Delory-Momberger (2011) classifica essa forma de narrativa como narrativa de formação, visto que contempla as individualidades e as experiências de vida, inseridas no contexto histórico e cultural dos seres humanos, como oportunidades de formação pessoal. Nessa perspectiva, destaca o quanto nossa relação com o vivido não é direta e transparente, já que “essa relação é construída e mediatizada pela cultura e adota a forma de representações, esquemas, modelos, programas biográficos transmitidos pelas instituições, organizações coletivas, grupos sociais” (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 335).

A narrativa como gênero discursivo dá lugar à história de vida. Desse modo, é possível expressar os sentimentos/pensamentos, os quais oportunizam ao humano ser autor de sua história. Portanto, nos tornando personagens da nossa própria história. Assim,

[...] a biografia poderia ser definida como uma dimensão do agir humano que permite aos indivíduos, dentro das condições de suas inserções sócio-históricas, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos. Tal atividade de biografização apresenta-se como uma hermenêutica prática, um marco de estruturação e de significação da experiência que permite ao indivíduo criar uma história e uma forma própria – uma identidade ou individualidade – para si mesmo (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 342).

A palavra *autobiografia* apresenta multiplicidade de dados/elementos na sua composição: *auto* (o eu); *bio* (a vida); *grafia* (descrever). Nas últimas décadas, um grande número de teses e dissertações estão sendo realizadas, tendo como enfoque de pesquisa o termo (auto)biográfico. Com isso, é possível observar uma multiplicidade de denominações relativas ao uso da terminologia: “abordagem biográfica ou autobiográfica, método (auto)biográfico, narrativa de vida, relato de vida, histórias de vida, histórias de vida em formação, pesquisa narrativa, investigação biográfico-narrativa...” (PASSEGI, 2010, p. 106).

Nas edições do Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA), adotou-se a solução dos parênteses – *(auto)biografia* – para chamar a atenção sobre dois tipos de fontes nas pesquisas educacionais: as *biográficas* e as *autobiográficas* (PASSEGI, 2010). Para a autora, a “escrita de si tornou-se tão usual que podemos falar de uma sociedade biográfica” (p. 108), sendo que, atualmente, encontramos inúmeros exemplos nas redes sociais, através do Facebook, Youtube, Twitter, Whatsapp, entre outros. Portanto, a ação de narrar-se constitui uma atividade que hoje encontra-se bastante democratizada, visto que no passado as biografias eram reservadas inicialmente a fatos relativos a personalidades históricas.

Passegi (2010, p. 111) considera que:

[...] *ato de (auto)biografar* define-se por essa capacidade humana de se apropriar de um instrumento semiótico (*grafia*), culturalmente herdado, e se colocar no centro do discurso narrativo (autobiografar), ou colocar o outro como protagonista de um enredo (biografar). O *fato (auto)biográfico* encontra na *narrativa* sua forma de expressão mais imediata, a tal ponto de ser facilmente confundido com ela.

O uso dos termos *narrativas (auto)biográficas* e *escritas de si* é bastante abrangente, pois ambos possibilitam incluir tanto a história de uma vida quanto fragmentos dela e, também, os “mais diversos suportes semióticos para contar fatos de uma vida, desde a língua natural (oral, escrita e de sinais) às expressões midiáticas e digitais” (PASSEGI, 2010, p.113). A autora reserva a denominação *escritas de si* para os textos “escritos pelos próprios autores, em língua natural (português, inglês, francês)” (p. 114).

Cunha (2009, p.4) esclarece que “a narrativa pode ser útil tanto como instrumento na pesquisa educacional, quanto como método, pois possibilita ao pesquisador capturar a essência da experiência humana e, conseqüentemente, da aprendizagem e mudança humana”. Para a autora, ao narrar, não só descrevemos os fenômenos, mas compartilhamos e produzimos conhecimento.

Tendo como base tais princípios, retomo a questão da ação de escrever, especialmente por conceber, com Larrosa (2002, p. 21), que “as palavras determinam nosso pensamento”. Esse entendimento nos ajuda a compreender esse vínculo quando nos diz que não pensamos com pensamentos, mas com palavras. É a palavra que irá expressar o que somos, que dará sentido ao que somos e ao que nos acontece. Para o autor:

O homem é um vivente de palavra, de linguagem, de *logos*, E isso não significa que o homem tenha **a palavra, ou a linguagem, como uma coisa, ou como uma faculdade, ou como uma ferramenta, mas que o modo de viver específico desse corpo** ao mesmo tempo vivente e mortal (vivente porque mortal e mortal porque vivente) que é o homem se dá na palavra e como palavra. (LARROSA, 2004, p. 170 – grifos meus).

Ao escrever a narrativa, não colocamos no papel o que pensamos e sim “colocamo-nos no papel” é o pensamento em palavras que se materializa e passa a existir por meio da escrita. Dessa forma, vamos inventando nossa história e dando sentido ao vivido. Em cada acontecimento, vamos nos auto-eco-organizando no tempo e no espaço. Ou seja, vamos nos tornando cientes daquilo que nos afeta e que, de certa maneira, auxilia a nos pensarmos presentes, participantes da experiência do viver em fluxo. Dessa espécie de conscientização como indivíduos, que só pode acontecer na linguagem e pela linguagem, emerge o que podemos chamar de autonomia. A origem da palavra “autonomia” em português vem do francês, *autonomie*. Essa, por sua vez, é derivada de duas outras palavras do grego: *Autós*, que significa “próprio, si mesmo” e *Nomos*, que tem o significado de “nomes”.

Penso a definição de autonomia como a possibilidade do humano autonear-se, expor-se, porém com uma liberdade relativa: “só podemos ser autônomos a partir de uma dependência original em relação à cultura, em relação a uma língua, em relação a um saber. A autonomia não é possível em termos absolutos, mas em termos relacionais e relativos” (MORIN, 2002, p. 118). Em outras palavras, é possível pensar que o indivíduo, posicionado na relação social e cultural na qual está inserido, se constitui como tal, como um devir, e acaba sendo o que lhe é possível ser em relativa liberdade e autonomia. Conforme salienta Morin (2002, p. 119), “quando se considera o fenômeno social, são as interações entre indivíduos que produzem a sociedade; mas a sociedade, com sua cultura, suas normas, retroage sobre os indivíduos humanos e os produz enquanto indivíduos sociais dotados de uma cultura”. Interações permeadas de particularidades, subjetividades, referências que constituem nossas experiências de estar sendo.

Muitas vezes, em nosso viver, passamos pelos acontecimentos sem significá-los, sem que eles nos aconteçam, anulando as possibilidades de que se tornem experiências, sem nos darmos conta do quanto podem influenciar e modificar nossos modos de pensar e viver. É somente no dar-se conta, no experimentar, que podemos interpretar, elaborar e reelaborar sentidos. Nesse caso, as experiências provocam mudanças identitárias, isto é, mudanças no modo como conhecemos e compreendemos, experimentando permanentemente um outro olhar para nós mesmos. Esse estar (cons)ciente dos fatos que nos ocorrem podemos chamar de vivência. Assim, escrever uma (auto)biografia, implica aceitar a vivência como um operador permanente no trabalho de autoria. Do mesmo modo, reivindica considerar a alteridade, a pluralidade, a complexidade da existência:

A utilização dos termos biografia e biográfico para designar não a realidade factual do vivido, e sim campo de representações e de construções segundo as quais os seres humanos percebem sua existência, enfatizando até que ponto essa compreensão narrativa da experiência se apresenta como uma escrita, isto é, como um modo de apreensão e de interpretação da vivência, com sua dinâmica e sua sintaxe, seus motivos e suas figuras. (DELORY-MOMBERGER, 2012. p. 525).

No que se refere à (auto)biografia, outra questão relevante para sua compreensão diz respeito ao tempo biográfico. Para Delory-Momberger (2012, p. 524), “a postura específica da pesquisa biográfica é a de mostrar como a inserção forçosamente singular da experiência individual em um tempo biográfico se situa na origem de uma percepção e de uma elaboração peculiar dos espaços da vida social”. Na ação de (auto)biografar, organizamos as palavras com as quais descrevemos os acontecimentos que nos remetem significados, para compreender como observamos os fenômenos. Nesse sentido, considero pertinente propor uma interlocução com o entendimento de Maturana e Varela (2001), que destaca que o observador não tem como ficar de fora daquilo que observa, do sistema que observa. O observador faz parte desse mesmo fenômeno observado.

Ao narrar o vivido, o humano se insere em um movimento linguageiro de integração com o todo. Ou seja, pela e na linguagem realiza uma ação que lhe possibilita conferir sentidos outros ao passado, ao presente e ao futuro, bem como significados sociais e coletivos à própria experiência de observar. Nesse sentido, “a narrativa quebra o modo linear espaço-temporal de significar trajetórias e vivências [...] as narrativas são, pois, elementos que trazem forte significado pessoal e articulam presente, passado e futuro, instigados pela rememoração” (ABRAHÃO, 2004, p. 210). Assim, através da narrativa, os acontecimentos são contextualizados conforme a significância conferida a eles por quem os descreve, sendo que a

narrativa é uma interpretação dos fenômenos por quem os vivenciou e não o fenômeno em si. Abrahão (2004, p. 201) aponta, ainda, que “o ressignificar dos fatos narrados nos indica que, ao trabalharmos com memórias, fazemo-lo conscientes de que tentamos capturar o fato sabendo-o reconstruído por uma memória seletiva, intencional ou não”.

Na mesma direção, podemos dizer que a aprendizagem ocorre principalmente a quem escreve, pois as narrativas permitem verdadeiras re-invenções de si. Conforme descreve Passegi (2010, p. 115): “Essa dimensão heurística permite a quem escreve explicitar as experiências e transformar saberes implícitos em conhecimento (pesquisa). O narrador, ao redescobrir-se como ser aprendente, reinventa-se (formação)”. Isso permite compreender que, na ação de interpretar e reinterpretar os fatos, o humano, em formação, rememora e reelabora as experiências e aprendizagens ocorridas ao longo da vida. É o exercício de retorno sobre si:

É preciso guardar que nesse direcionamento todo o interesse da pesquisa (auto)biográfica é garantir condições ideais do retorno sobre si mesmo, para que o trabalho de autobiografar exerça a ação de reversibilidade sobre o pensamento de quem narra, transformando representações anteriores de si e do mundo da vida. Essa ação regressiva e progressiva é o que permite falar do “si mesmo” como um “eu refletido”, reinventado pela ação de linguagem. De modo que mediante o uso de instrumentos semióticos (*grafias*), o eu (*autos*) toma consciência de si e ressignifica a vida (*bios*) para nascer de novo: autopoiese. (PASSEGGI, 2010, p. 116).

O termo autopoiese: *auto* (por si) e *poiesis* (produção), se refere às características dos seres vivos de produzirem de modo contínuo a si próprios (MATURANA; VARELLA, 2001, p. 52) e isso implica, no caso das narrativas (auto)biográficas, que o humano, na ação de narrar-se, viva e produza conhecimento, conscientizando-se das forças sociais e naturais que atuam sobre sua aprendizagem e, também, da sua formação ao longo da vida. Nesse sentido, existe uma circularidade que é própria da reflexão e, essa lógica circular, um “fazer que leva a um novo fazer: é o círculo cognitivo que caracteriza o nosso ser, um processo cuja realização está imersa no modo de ser autônomo do ser vivo” (MATURANA; VARELLA, 2001, p. 264). Pellanda (2009) afirma que o mundo emerge junto com a ação/cognição daquele que aprende. E, nesse caso, a cognição adquire um sentido biológico ao considerar a vida como um processo cognitivo. Em outras palavras, ao viver/sobreviver, o humano produz conhecimento e é nessa ação pensar que ele se acopla consigo mesmo e com o mundo (PELLANDA, 2009, p. 24).

## 2 FORMAÇÃO E LINGUAGEM

*Perfectamente podríamos decir:  
dime lo que observas y te diré quién eres.*  
Rafael Echeverría

Quando se busca a palavra formação em algum dicionário, encontramos os seguintes termos relacionados: educação, efeito ou modo de formar, constituição, instrução, maneira por que se constituiu uma mentalidade um caráter ou um reconhecimento profissional, entre outros. Todos esses termos nos remetem à ideia de que a pessoa foi “modelada”, que através de um arcabouço teórico ela se tornou apta a agir de uma determinada maneira frente certas circunstâncias, ou, em uma perspectiva mais tecnicista, que se habilitou para um ofício em particular.

Historicamente, vem ocorrendo inúmeros debates acerca da extensão e dos sentidos do termo “formação”. De acordo com Pineau (2003, p. 152), alguns estudiosos limitam o termo ao setor profissional, em que apareceu inicialmente em 1939, para dar o nome de “centros de formação profissionais”, que correspondiam aos antigos centros públicos de aprendizagem. Nesse período, o termo também apareceu em obras como do filósofo francês Gaston Bachelard em “A formação do espírito científico (1938)”, no qual o autor realiza um estudo do saber científico. O debate ampliou o sentido do termo que passou a ser utilizado para designar a formação humana, social, permanente, etc. Pineau (2003, p. 153) nos diz que a formação corresponde a um grande desafio, que se mostra de diferentes formas ao longo da vida. Para ele, “a formação impõem-se então como uma função vital essencial a ser exercida permanentemente” (PINEAU, 2003, p. 153). Assim, os contratempus que ocorrem ao longo da vida do ser humano são momentos importantes de crescimento individual. Esses percalços, somados ao tempo, contribuem para o seu devir, sua formação. Nesse sentido:

A formação ao longo da vida é então o produto de transações complexas entre polos materiais, sociais e orgânicos, alternando momentos formais, racionais, nítidos, distintos, com momentos experienciais, sensíveis, mas opacos, confusos. Estas transformações formativas são permanentes, significando que elas se desenrolam tanto a cada instante como ao longo da vida. (PINEAU, 2003, p. 162).

Ainda de acordo com Pineau (2003, p. 198), “as pessoas em formação não fazem sua história de vida para fazer literatura e menos ainda em um sentido disciplinar. As pessoas produzem suas histórias de vida para viver”, procuram dar sentido as suas existências a partir

das experiências vividas, buscando compreendê-las, não apenas no sentido cognitivo, mas como uma forma de relacionar os acontecimentos, de juntar o que está disperso e fragmentado.

Nesse contexto, podemos pensar a formação como uma metamorfose, produto da evolução humana, que se mostra de diferentes formas ao longo da vida. Inicialmente, ela é de responsabilidade dos pais, educadores ou responsáveis pela criança. Tomar para si a responsabilidade da própria formação não ocorre de forma automática. É necessário um rompimento ou mesmo relaxamento dos laços sociais e familiares para que ocorra o espaço para a abertura das próprias escolhas. O tempo é um fator preponderante na formação, pois os inúmeros desafios que ocorrem, tanto existenciais como profissionais, provocam uma mudança nas nossas práticas e representações herdadas das épocas iniciais (PINEAU, 2003, p. 161). Isso me permite conceber que qualquer visão é demasiadamente limitada para entender a complexidade e extensão dessa formação ao longo da vida. Nesse sentido, podemos fazer uma aproximação com as palavras de Larrosa (2006, p. 200):

O tempo como a linguagem, sempre nos lembra que somos outros. O tempo, como a linguagem, raras vezes nos devolve a imagem de nós mesmos. Mas interrogamos ao tempo, e à linguagem, cada vez que nos perguntamos quem somos. E sempre é o não saber que nos dá como resposta.

Busco considerar a formação como um processo contínuo que me constituiu, através de significações de experiências que foram me afetando ao longo da vida. Em outras palavras, uma caminhada que levou ao meu aprimoramento e deu sentido a minha vida. Larrosa (2002), ao falar de formação, esclarece que: “A ideia clássica de formação tem duas faces. Por um lado, formar significa dar forma e desenvolver um conjunto de disposições preexistentes. Por outro, significa levar ao homem à con-formidade em relação a um modelo ideal que foi fixado e assegurado de antemão” (LARROSA, 2002, p. 135). O autor se propõe a pensar a formação a partir de um conjunto de possibilidades, como uma relação de produção de sentido, que nos permite escutar (ou ler) textos, filmes, notícias, pessoas, objetos, animais, cotidiano, etc, e o que eles têm a nos dizer. Desse modo, me permito pensar que é na escuta, na leitura, na ação de pensar, ou seja, como seres interpretativos que confirmamos nossa auto-eco-organização, nosso potencial de formação e de trans-formação.

Isso significa que a formação não ocorre apenas pelo conhecimento formal. É a vivência de um conjunto de experiências ao longo da vida que nos possibilita aprender a pensar. Oportuniza que se articulem essas experiências com as situações de vida e, assim, permite a emergência do mundo ao humano e do humano ao mundo por todo um conjunto de ações, entre



as quais estão aquelas que podemos chamar de trabalho e que constituem o espaço social no qual este ser-devir se percebe inserido, pertencente. Nesse caso, cada ser humano é o autor de sua própria história, pois através das vivências pessoais narra o que conhece de si e deixa-se narrar pelos acontecimentos em um processo contínuo de formação. Para Nóvoa (1995, p. 25), “a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas de (re)construção permanente de uma identidade pessoal”. O autor destaca a importância do investimento pessoal e da experiência, uma vez que o “eu” pessoal e o “eu” profissional são componentes de uma mesma identidade pessoal. Para ele, até mesmo os momentos em que se faz uma lembrança do passado, tanto com relação aos dados pessoais quanto aos profissionais, esses também correspondem a movimentos, a ações de investigação e formação.

Como podemos perceber, o conceito de formação é bastante abrangente. Além disso, pode-se somar a outros termos como: formação humana, profissional, continuada, cultural, etc. Muitos pesquisadores associam-no à *paideia* e ao conceito de *bildung*.

A *paideia* é um termo grego que designa o modelo ideal de educação, envolvendo os ensinamentos do corpo e da mente como filosofia, poesia, gramática, retórica, música, teologia, entre outros. O desenvolvimento desses valores permitiu o ideal grego de humanidade, ou seja, o seu desenvolvimento individual e o seu agir na sociedade. Já o conceito alemão de *bildung*, preconiza a necessidade do indivíduo de tomar para si a tarefa de formar-se.

A *Bildung* tematiza a subjetividade a partir de dois princípios: o princípio da autonomia ou autodeterminação e o princípio das diferenças. Nessa concepção, a educação é a capacidade de autodeterminação racional, uma liberdade do sujeito na criação de si. A subjetividade aparece sob duplo aspecto: como uma capacidade pressuposta para a autonomia e como realização dessa autonomia pela educação. Este princípio da autonomia não vale apenas para o indivíduo singular, mas para a humanidade como um todo. [...] Daí que a educação não se define apenas subjetivamente, porém, mediada na relação com o mundo. (PAGNI; BUENO; GELAMO, 2012, p. 23).

Nesse sentido, a formação é um empenho pessoal, no qual a pessoa vai sendo responsável pela busca constante de conhecer. A pessoa forma-se a si mesma (auto formação) em uma criação de si, procurando ligar os saberes e a vida, considerando o contexto no qual está inserida.

Gadamer (1999) apresenta com bastante clareza a importância de sermos responsáveis pela própria formação, ao afirmar que o humano é o responsável pela busca de aperfeiçoamento de suas aptidões e faculdades. Segundo o autor:

la educación consiste en educar-se, es decir, que la responsabilidad de nuestra educación recae sobre nosotros mismos, y no en nuestros padres o en nuestros profesores, quienes apenas pueden ofrecernos una modesta contribución. En efecto, educar-se es un verbo reflexivo que designa la acción autónoma que se niega a poner en manos ajenas la aspiración al perfeccionamiento constante de la persona humana. Pero no se trata de un llamado al individualismo, sino a la conversación con los otros como medio para autoeducarse, junto al papel de la lectura de las ideas de aquellos que no están con nosotros. El aprendizaje es el asunto íntimo de cada cual, y nadie puede echar esa responsabilidad sobre otros, dado que acontece en nuestra íntima morada, que es el lenguaje. Ajena a las “competencias” y a las “habilidades”, la auténtica educación es un resultado de la voluntad de autoeducarse conforme a los elevados ideales de la cultura (GADAMER 1999, p. 90).

Para Maturana (2000, p. 11), existe uma grande confusão entre e os fenômenos: formação humana e capacitação. Segundo ele, a formação humana “tem a ver com o desenvolvimento da criança como pessoa capaz de ser co-criadora com outros de um espaço humano de convivência social desejável”. É a busca da sua identidade/individualidade como pessoa e a tarefa da educação deverá ser a criação de espaços de ação e reflexão no sentido de criar condições para que a criança possa crescer na relação consigo mesma e com o outro. Já a capacitação, diz respeito à “aquisição de habilidades e capacidades de ação no mundo no qual se vive, como recursos operacionais que a pessoa tem que realizar o que quiser viver”. Ou seja, ela é “um instrumento e caminho na realização da tarefa educacional” (MATURANA, 2000, p.12).

A formação humana, pensada dessa forma, atua sobre a subjetividade (crenças, comportamento, caráter, etc) e objetiva a aquisição de valores como o respeito a si mesmo e aos outros, a responsabilidade e a consciência social e ecológica que permitirá a atuação da pessoa na comunidade a que pertence. Para Maturana (2000, p. 13), isso implica dizer que a educação está centrada na formação humana e não técnica, embora “esta formação humana se realize através da aprendizagem do técnico”.

Em relação à formação profissional dos professores, vale lembrar que ela não se resume à titulação obtida em um curso superior de graduação. Muito além disso, ela é um processo permanente, tecido na relação com os discentes e docentes ou no ambiente cultural no qual se está inserido, constituindo-se numa experiência contínua de transformação. Como salienta Nóvoa (1995, p. 29), o desafio da formação é “conceber a escola como um ambiente educativo, onde trabalhar e formar não sejam atividades distintas”. É um aprender e um transformar-se na relação consigo mesmo e com o outro, consiste na “troca de experiências e na partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando” (NÓVOA, 1995, p. 26). Na prática, o diálogo entre os professores e a criação de redes coletivas de trabalhos consolidam os saberes da prática profissional e contribuem para a socialização dos profissionais.

Larrosa (2002) nos diz que “a experiência é o que nos acontece”, portanto, a experiência de escrita que venho realizando só poderia ocorrer na linguagem. Linguagem como maneira de pensar e, desse modo, de produzir conhecimentos, como uma experiência de si e, ao mesmo tempo, de reflexão. É através da linguagem que expressamos os nossos pensamentos e sentimentos, bem como descrevemos o que percebemos. É a linguagem que fará o elo inseparável do meu mundo exterior, através das minhas observações e percepções, com o meu mundo interior através dos meus pensamentos e sentimentos. Ela é fundamental em nossas relações e é, ao mesmo tempo, ação e criação, dado que permite falar, descrever a realidade, mudar o curso dos acontecimentos, a partir da interpretação de mundo. É na linguagem que as experiências são comunicadas e as informações são trocadas. Conforme Maturana e Varela (2001, p. 233), “quando se tem uma linguagem, não há limites para o que é possível descrever, imaginar, relacionar”, já que ela norteia toda a formação e desenvolvimento do indivíduo, bem como as transformações que ele vivencia ao longo da vida.

Nesse sentido, Echeverría (2006) considera os seres humanos como seres linguísticos, que criam a si mesmos na linguagem e através dela. Para ele, “os seres humanos habitam na linguagem” (2006, p. 33), se inventam na linguagem. Na mesma direção, para Maturana e Varela (2001 a, p. 32), os seres humanos existem como tais na linguagem:

Estamos na linguagem, movendo-nos nela, numa forma peculiar de conversação – num diálogo imaginado. Toda reflexão, inclusive a que se faz sobre os fundamentos do conhecer humano, ocorre necessariamente na linguagem, que é nossa maneira particular de ser humano. Por isso, a linguagem é também nosso ponto de partida, nosso instrumento cognitivo e nosso problema.

Para Maturana e Varela (2001), a linguagem é um operar em rede de coordenações, uma forma de ação organizada e consentida que ocorre quando duas ou mais pessoas interagem. Os autores acrescentam, ainda, que “tudo o que nós seres humanos fazemos, fazemos em nossa operação em tal rede como diferentes maneiras de nela funcionar [...] e tudo o que fazemos como seres humanos fazemos como diferentes maneiras de funcionar na linguagem” (2001 b, p. 130-131).

### 3 LUGAR COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM

*[...] o homem, ser de relações e não só de contato, não apenas está no mundo, mas com o mundo.*

Paulo Freire

Nesta reflexão, julgo importante problematizar os conceitos de espaço e lugar. Em um primeiro momento, vou me ater às publicações dos Geógrafos Yi-Fu-Tuan e Milton Santos, buscando pensar a relação possível entre lugar e espaço. Até que ponto um é, ou pode ser, outro? Nesse sentido, procuro considerar o espaço como uma totalidade, embora sempre que se parte para a análise ocorre a possibilidade de dividi-lo em partes. Milton Santos considera a análise uma forma de fragmentação do todo que permite, ao seu término, a reconstituição desse todo (SANTOS, 1985, p. 05).

Nessa perspectiva, argumenta:

Quando analisamos um dado espaço, se nós cogitamos apenas dos seus elementos, da natureza desses elementos ou das possíveis classes desses elementos, não ultrapassamos o domínio da abstração. É somente a relação que existe entre as coisas que nos permite realmente conhecê-las e defini-las. Fatos isolados são abstrações e o que lhes dá concretude é a relação que mantêm entre si. (SANTOS, 1985, p. 14).

Para Milton Santos (1985), os elementos correspondem aos seres humanos, às firmas, às instituições, ao meio ecológico e às infraestruturas. Esses elementos interagem entre si, variando e mudando de valor, segundo a história e, também, segundo o lugar onde se encontram.

Consideramos o espaço como uma instância da sociedade, ao mesmo título que a instância econômica e a instância cultural-ideológica. Isso significa que, como instância, ele *contém* e é *contido* pelas demais instâncias, assim como cada uma delas o contém e é por ele contida. A economia está no espaço, assim como o espaço está na economia. O mesmo se dá com o político-institucional e o cultural-ideológico. Isso quer dizer que a essência do espaço é social. Nesse caso, o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a Natureza. O espaço é tudo isso, mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual. (SANTOS, 1985, p. 01).

É necessário fazer a relação entre as variáveis para podermos conhecê-las e defini-las. É esse conjunto de relações que vai dar forma e realidade ao espaço. Para Milton Santos (1999, p. 162), o lugar não pode ser visto como passivo, mas como globalmente ativo. Ele é o que está mais próximo de nós e é através dele que entramos em contato com o mundo e produzimos nossa história. Nesse sentido, o mundo é visto como um amplo conjunto de possibilidades, cuja

realização dependerá do conjunto das oportunidades oferecidas pelos lugares. “Cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (SANTOS, 1999, p. 273).

O Mundo e o Lugar se relacionam e são consequência da globalização com seu desenvolvimento técnico-científico-informacional. Dessa forma, o uso do espaço é representado pelas relações de reprodução do capital e da produção, isto é, da forma como se organizam as atividades econômicas, bem como o grau de hierarquização e dependência entre os diversos locais. O lugar atua como ponto de resistência à homogeneização imposta pela globalização, já que é no local que as diferenças podem emergir, se manterem e se tornarem mais evidentes.

Em Tuan (2013), encontro importante contribuição para uma compreensão dos conceitos que dizem respeito ao espaço e ao lugar. O autor aborda essa relação do ponto de vista humanístico, salientando os sentimentos e percepções que se tem a respeito do espaço e lugar. Para ele, esses dois termos são familiares e indicam experiências comuns, relacionadas ao nosso cotidiano e que se refletem em certos padrões de comportamento adquiridos ao longo do tempo, pois, quanto mais tempo vivermos em determinado lugar, mais significativa e profunda será a nossa experiência com esse lugar.

Segundo Tuan: “O lugar é a segurança e o espaço é a liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro” (2013, p. 11). Os lugares correspondem aos locais onde nossas necessidades biológicas e emocionais são satisfeitas e às quais atribuímos certo valor afetivo, já que é através dele que o humano experiencia e atua no mundo. Nessa perspectiva “experencial”, o autor define experiência como as diferentes maneiras pelas quais uma pessoa conhece e pensa o contexto (TUAN, 2013, p. 17). A experiência depende da forma como ela atua, aprende, cria e recria, através da própria vivência, dos seus sentimentos e dos seus pensamentos.

Para Tuan (2013), o “espaço” é um termo bastante abstrato para um conjunto complexo de ideias.

Pessoas de diferentes culturas diferem na forma de dividir seu mundo, de atribuir valores às suas partes e medi-las. As maneiras de dividir o espaço variam enormemente em sofisticação, assim como as técnicas de avaliação de tamanho e distância. Contudo, existem certas semelhanças culturais comuns, e elas repousam basicamente no fato de que o homem é a medida de todas as coisas. Em outras palavras, os princípios fundamentais da organização espacial encontram-se em dois tipos de fatos: a postura e a estrutura do corpo humano e as relações (quer próximas ou distantes) entre as pessoas. O homem, como resultado de sua experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais. (TUAN, 2013, p. 49).

O autor não concebe o humano como um objeto no mundo, mas como um ser que habita o mundo, usufruindo da natureza e de todos os espaços, modificando-os segundo a sua vontade: “o corpo é *corpo vivo* e o espaço é um espaço constructo do ser humano” (TUAN, 2013, p. 49). O corpo humano se constitui como condição para experienciar o mundo. Através dele, atribuímos conceitos de medidas ou de relação ao espaço, ajustados de acordo com a relação com os objetos, como, por exemplo, frente-atrás, direita-esquerda, em cima-embaixo, etc. Essas proposições são antropocêntricas na medida em que podemos caracterizá-las como substantivos derivados do corpo humano (ou não). Tuan ainda cita Merleau-Ponty, quando este afirma:

Quando digo que um objeto está *sobre* a mesa, sempre me coloco, mentalmente, quer na mesa, quer no objeto, e lhes atribuo uma categoria que teoricamente ajusta a relação de meu corpo aos objetos externos. Sem essa associação antropológica, a palavra *sobre* é indistinguível da palavra *sob* ou da palavra *ao lado*. (MERLEAU-PONTY apud TUAN, 2013, p. 61).

Moreira (2012, p. 173) compara os conceitos de Milton Santos e Yi-Fu-Tuan. Segundo ele, Milton Santos define lugar como “ponto da rede formada pela conjuminação da horizontalidade e da verticalidade” e Yi-Fu-Tuan considera o lugar como “espaço vivido e clarificado pela relação de pertencimento”.

Ainda, segundo Moreira (2012, p. 173-174):

Para Milton Santos, o lugar que a rede organiza em sua ação arrumadora do território é um agregado de relações ao mesmo tempo internas e externas. Atuam aqui a contiguidade e a nodosidade. A contiguidade é o plano que integra as relações internas numa única unidade de espaço. É a horizontalidade. A nodosidade é o plano que integra as relações externas com as relações internas da contiguidade. É a verticalidade. Cada ponto local da superfície terrestre será o resultado desse encontro entrecruzado de horizontalidade e verticalidade. E é isso o lugar. O pressuposto é a rede global [...] Seu vínculo interno é a produção. A fábrica, as áreas de mineração e as áreas de agricultura que a ela se articulam como fornecedoras de matérias primas e insumos alimentícios são, todas elas pontos espaciais de interligação local promovida pelo ato do interesse solidário da horizontalidade. [...] Daí que cada lugar nasce diferente do outro, dando ao todo da globalização um cunho nitidamente fragmentário, já que “o lugar são todos os lugares”. Condição que leva Milton Santos a dizer que é o lugar que existe, e não o mundo, de vez que as coisas e as relações do mundo se organizam no lugar.

[...]. Para Yi-Fu-Tuan lugar é o sentido do pertencimento, a identidade biográfica do homem com os elementos do seu espaço vivido. No lugar, cada objeto ou coisa tem uma história que se confunde com a história dos seus habitantes, assim compreendidos justamente por não terem com a ambiência uma relação de estrangeiros. E, reversivamente, cada momento da história do homem está contada e datada na trajetória ocorrida de cada coisa e objeto, homens e objetos se identificando reciprocamente. A globalização não extingue, antes impõe que se refaça o sentido do pertencimento diante da nova forma que cria o espaço vivido. Cada vez mais os objetos e coisas da ambiência deixam de ter com o homem a relação antiga do pertencimento, os objetos renovando-se a cada momento e vindo de uma trajetória

que é para o homem completamente desconhecida, a história dos homens e das coisas que formam o novo espaço vivido não contando uma mesma história, forçando o homem a reconstruir a cada instante uma nova ambiência que restabeleça o sentido de pertencimento.

A partir dessa aproximação, é possível perceber que os dois conceitos de lugar não são excludentes, são apenas duas maneiras distintas dos autores perceberem o sentido de vivência e as conexões existentes. Lugar como plano vivido, de relação de ambiência e pertencimento, onde se articulam as atividades econômicas, sociais, culturais e políticas. Em outras palavras, com o lugar conhecemos o mundo e nos articulamos. São essas características particulares de cada lugar que os tornam tão especiais e singulares.

Assim, o estudo que realizo acerca deste tema, de certa maneira, me coloca como personagem na busca de compreender sentidos do que se manifestam aqui-agora na minha consciência. Bicudo (1994 p. 17) nos diz que “os procedimentos [...] são inseparáveis do fenômeno interrogado, e, portanto, do pesquisador”. Assim, pois, manifesto minha consciência voltada para a percepção dos lugares por onde passei e vivi. Minhas memórias são tecidas pelo que sinto e como me experiencio nesse mundo fenomênico:

Sendo fenômeno assim compreendido, realidade, então, já não é tida como algo objetivo e passível de ser explicado em termos de um conhecimento que privilegia explicações da mesma em termos de causa e efeito. A realidade, porém, é o que emerge da intencionalidade da consciência voltada para o fenômeno. A fenomenologia, assim, aceita um fenomenal que não questiona, uma vez que nunca é vislumbrado; mas interroga o fenômeno, o que é experienciado pelo sujeito voltado atentivamente para o que se mostra. A realidade é o compreendido, o interpretado e o comunicado. É, portanto, *perspectival*, não havendo uma única realidade, mas tantas quantas forem suas interpretações e comunicações. (BICUDO, 1994, p. 18 – grifo da autora).

Esse entendimento repõe na pauta a ideia de que o fenômeno que estudo está a ser constituído, comunicado neste momento em que o escrevo ou que me é possível escrever, porque, como uma criança, ainda não tenho as palavras para dizer o que busco ver/compreender. Só as tenho e, portanto, só conheço o que pretendo conhecer, no ato mesmo de falar disso, rememorando o que já soube para poder escrever, criar intimidade ou, pelo menos, algum enlaçamento, alguma afetividade com o que ainda não sei. Assim, se apresenta, para mim, a concepção de lugar. Para Tuan (1983, p. 23), “a criança é o pai do homem, e as categorias perceptivas do adulto são de vez em quando impregnadas de emoções que procedem das primeiras experiências”.

Em cada uma das cidades onde morei, mesmo na infância, sempre percebia a diferença que existia entre os lugares, seja no sotaque, nas gírias locais ou mesmo na maneira das pessoas

se comportarem. Acredito que há 20/30 anos essas diferenças eram mais nítidas, pois não tínhamos o acesso que hoje se verifica nos meios de comunicação e, principalmente, da *Internet*, que globaliza o mundo das informações e nos coloca mais próximos de outras culturas. Afinal, atualmente, podemos interagir de maneira mais explícita com o processo cognitivo e perceber que todo o conhecimento é relativo. Isso nos leva a questionarmos a maneira como vemos o mundo e o modo como alguns o veem, de forma cartesiana, fragmentada, na qual se analisa cada parte para se entender o todo. Penso que hoje o mundo já pode e tem que ser visto como um todo, através das relações existentes e conexões entre cada elemento, material e sensível, que compõe a natureza. Vale lembrar que fazemos parte dessas relações, ou seja, podemos olhar para os sistemas vivos como um todo, porque o acesso às informações nos possibilita isso.

Há muitas possibilidades de conhecer, de pensar e de educar. Entretanto, as concebo como indissociáveis do meu corpo e do todo, pois cada ser humano faz parte de um contexto no qual há interações, normas, modos de viver. Morin (2011) nos convida a pensar de modo complexo no qual a compreensão de qualquer fato passa por um movimento circular das partes para o todo e vice-versa. Desse modo, “a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico” (MORIN, 2011, p. 13).

Refletir acerca do aprender e do mundo a partir desses pressupostos é, portanto, um grande desafio. Acredito, também, que consiste em um exercício constante, uma vez que temos que ser capazes de contextualizar, estudar as diversas nuances, globalizar e, ao mesmo tempo, reconhecer o singular e o individual. Em outras palavras, precisamos estar atentos para observar quais são as convergências e como se constituem as possibilidades interpretativas e comunicativas disso que conhecemos e entendemos como mundo, como seres humanos, em constante aprendizagem.

A aprendizagem, nesse contexto, conduz o humano no sentido de constituir saberes articulados, na busca por interação entre as várias áreas do conhecimento, que juntas possibilitam uma compreensão do todo. A possibilidade de interconexão do homem com o mundo permite inúmeras trocas, nas quais ele influencia e, ao mesmo tempo, é influenciado pelo meio ambiente natural e social. Para Morin (2002, p. 95), os seres humanos são concebidos como seres auto-eco-organizadores. Isto é, embora seja um ser autônomo, o humano depende do mundo em que vive, pois é ele que lhe dará energia, informação e organização. Partindo desse princípio, a relação do homem com o mundo é recíproca, de autonomia e dependência, em uma dinâmica circular, uma vez que não podemos separar o humano do que esse mesmo humano concebe e conhece como mundo.



Com relação ao lugar, essas relações são potencializadas, já que somos seres auto-eco-organizadores, nos autoproduzimos de maneira a perceber o mundo na relação com o outro, consigo mesmo e com o espaço em que vivemos, uma vez que as sociedades dependem dessas relações as quais produzem e influenciam nossos modos de viver. Diariamente, temos os nossos sentidos provocados pelo ruído do que nos é externo e interno, pelo olfato, pelo tato, pela audição e pela nossa visão. Todas essas experiências, de alguma forma, permanecem em nossa história biológica e podem formar sentidos em nossa consciência.

Com base nessas ideias, procuro pensar o lugar de modo profundo, como *locus* de aprendizagem do humano no mundo. Aprender, nesse contexto, permite ao humano constituir seu conhecimento nas diversas áreas e, principalmente, constituir sentido na existência. O fluxo é pautado na complementaridade, na fusão de horizontes, na capacidade de nos autoproduzirmos na convivência, na conversação com os outros e no espaço em que vivemos. Nessa corrente de pensamento, podemos considerar a vida em si como um movimento que nos possibilita aprender no viver, tornando-nos seres em constante devir.

#### 4 EMERGÊNCIAS DE CAMINHOS E CONVERGÊNCIA DE IDEIAS

*A cidade não é um lugar.  
É a moldura de uma vida, um chão para a memória.*  
Mia Couto

Em Geografia, aprendemos que Tempo e Espaço são importantes para uma concepção de lugar. Segundo Tuan, “no homem adulto são extremamente complexos os sentimentos e ideias relacionados com espaço e lugar” (2013, p. 31). Esses sentimentos partem de uma percepção individual, sustentada pela experiência e pelo conhecimento conceitual, considerando as influências culturais, biológicas, etc. Para o adulto, o espaço se transforma em lugar à medida que adquire significados e valor, quando, com o passar do tempo, deixa de ser “espaço” e se transforma em “lugar”. Nesse sentido, me proponho a pensar a questão do lugar de acordo com a complexidade e do ponto de vista da existência, constatando o quanto é importante ligarmos os saberes, a fim de produzirmos sentidos narrativos.

Isso me leva a pensar na minha trajetória de vida, das intersecções que surgiram ao longo do caminho e que me colocam em contato com outros indivíduos permitindo a convergência de palavras e saberes. Os sentimentos que trago em meu íntimo, com relação à cidade de Santa Maria, me permitem reconstituir minha trajetória, através da (auto)narrativa. Diversos fios me ligam a essa terra e, ao mesmo tempo, interligam a outros indivíduos e a coletivos que se reconhecem como integrantes desse lugar.

A cidade de Santa Maria, cuja população é de, aproximadamente, trezentos mil habitantes, está situada no centro do estado do Rio Grande do Sul, sendo área de moradia transitória de estudantes e militares. Desde a década de 60, com a construção da Universidade Federal de Santa Maria, a cidade passa a ser conhecida como uma cidade universitária/cidade cultura. Anualmente, centenas de estudantes se deslocam para cá, com o intuito de cursar uma graduação (ou pós-graduação), seja na “Federal” ou nas demais instituições de ensino superior que a cidade dispõe. Nesse período, que compreende março a dezembro, a cidade é sempre agitada, o trânsito caótico em determinados horários, os barzinhos lotados. É a vida que retoma seu fluxo, no ir e vir de pessoas e que se encontra muito bem representada na letra da música “Santa Maria”, escrita pelo compositor e cantor santa-mariense José Roberto Chaves Pires, o Beto Pires. Ao escrevê-la, imaginou o sentimento de quem precisa ir embora de Santa Maria, mesmo sendo apegado à cidade. O autor descreve a música como sobrevivência e paixão (DIÁRIO DE SANTA MARIA, 15/10/2017):

Meu monumento estradas e trilhos  
 Minha saudade este tempo que vai  
 Este cerrito  
 Estes montes me guardam  
 E ainda guardam se um dia eu voltar pra ti

Santa Maria me guarde estes montes  
 Que em suas fontes há som de oração  
 Santa Maria da boca do monte  
 Pra ti meu canto, acalanto e canção...

Sol na praça presidente, quente é teu calor  
 Muita banda na varanda e na orelha um  
 Cobertor  
 Tanta vida diferente, tanta gente vem e vai  
 Incerteza de quem entra, mas saudade de  
 Quem sai...

Tchau na estação quem ainda não deu  
 Não entendeu quem lá vai quem já vem  
 Triste é sentir virar som de saudade quando  
 Vai longe o apito do trem

Santa Maria, maria da graça, doce menina,  
 Maria fumaça  
 Verde tão verde tão cheia de si  
 Que vontade de cantar pra ti.

#### 4.1 Considerações sobre a história de Santa Maria

Biasoli (2010, p. 40) afirma que “a alma de uma cidade costuma ser constituída por aquele território que a memória coletiva entende ser sua matriz”. No caso de Santa Maria, o “coração da cidade” correspondia ao espaço compreendido pelo Largo da Estação Ferroviária até a Praça Saldanha Marinho cujo acesso se dava pela Avenida Rio Branco. Essa área faz parte do imaginário de quem viveu naquele período. Canellas (2013, p. 158) assim se refere ao local: “as cidades cresceram e acabaram com os seus trens de passageiros. Não na minha crônica provinciana. Aqui, ainda estou na gare da Vila, à espera da locomotiva”. Hoje, o local já não apresenta a mesma importância que teve no passado, já que, com a expansão da cidade, novas áreas passaram a ser mais valorizadas à medida que sua população aumentou e as atividades econômicas se diversificaram.

Para Biasoli (2010, p. 46-47), Santa Maria apresenta ares de núcleo urbano cosmopolita:

Há saltimbancos nos cruzamentos, há grafiteiros pintando os muros e paredes [...], há artistas populares fazendo escultura viva e, acrescento, há os mercadores e mercadoras de sexo expondo suas habilidades a preços variados nas praças e esquinas. [...] é apenas uma cidade que recebe as influências variadas do mundo contemporâneo e as expressa ao seu modo. Uma cidade com grande parcela de população flutuante, uma

cidade de passagem (para muitos), uma cidade com ritmos fluidos e pouco pacata, se comparada com as suas parceiras da Campanha e da Serra. Uma cidade com seus submundos [...] provinciana e cosmopolita ao mesmo tempo.

Nessa mesma perspectiva, Flôres (2007, p. 140) a considera cosmopolita, para ele o cosmopolitismo:

Tem raízes históricas bem evidentes por ter sido Santa Maria sempre um local de “passagem”. De reduto inicialmente militar, com o tempo formou uma comuna que reuniu diferentes etnias, [...]. Quando a ferrovia se estabeleceu a cidade, maior incremento foi dado a esse cosmopolitismo, pois como ponto de inserção de linhas que ligavam a outros municípios, os contatos humanos, culturais e econômicos foram sempre crescentes.

A cidade está localizada na região central do Rio Grande do Sul e, por isso, foi considerada como um local de passagem por aqueles que se dirigiam tanto à região platina quanto aos demais territórios do país. Antes da ocupação pelos europeus no século XVII, o território era habitado por grupos horticultores Guarani da tradição “Tupi-Guarani”<sup>3</sup>.

[...] Santa Maria nasce em meio aos embates do ritmo das fronteiras Ibéricas na região do Rio da Prata, fazendo com que a localidade às vezes estivesse inserida no espaço espanhol, às vezes no português. Assim, a localidade foi palco desse espetacular movimento de “vai e vem” peculiar das fronteiras em (des)construção. (SANTOS, 2010, p. 108).

A formação do núcleo que originou a cidade de Santa Maria é atrelada à demarcação territorial realizada por portugueses e espanhóis, durante a colonização do território, como no Tratado de Madri, datado de 1750, e no de Santo Idelfonso, assinado em 1777. Sobre esse último, Flôres (2007, p. 143) aponta que:

Indiretamente, os ibéricos, ao traçarem as linhas imaginárias dos limites propostos através do Tratado de Santo Idelfonso, acabaram fazendo dessa localidade um marco geopolítico e uma referência espacial estratégica na região platina. Mas isso não ocorreu simplesmente da fixação dos limites. Ao longo do século XVIII e XIX os movimentos militares, econômicos e populacionais sempre foram contínuos. Numa primeira fase, ligados ao contexto comercial e mercantilista europeu. Depois, em função da expansão industrial que movimentou as relações de comércio no mundo ocidental. Nesse caso, a região do entorno do Rio da Prata na América do Sul foi revitalizada em termos econômicos, deixando de ser meramente uma zona extrativista para adquirir uma condição de importante mercado de exportação de matérias-primas e consumidor de vários produtos do industrialismo europeu.

---

<sup>3</sup>Sobre isso ver: MILDNER, Saul Eduardo (et.al.). Ocupação pré-colonial da região de Santa Maria por grupos horticultores. In: WEBER, Beatriz Teixeira; RIBEIRO, José Iran (Orgs.). **Nova história de Santa Maria: contribuições recentes**. Santa Maria: [s.n.], 2010.

Data do final do século XVIII a efetivação da ocupação pelos portugueses do local onde, atualmente, se encontra a cidade de Santa Maria. No ano de 1797, os demarcadores portugueses se fixaram temporariamente no local, junto a 400 pessoas:

[...] construíram os seus ranchos, derrubando a floresta, levantando quartel para a tropa, erguendo um pequeno oratório, dando origem à Praça Saldanha Marinho e à Rua do Acampamento. Onde se situavam os ranchos dos demarcadores surgiu a Rua São Paulo (hoje conhecida como Rua do Acampamento) e pouco depois surgiu a Rua Pacífica (depois chamada de Rua do Comércio e atualmente Rua Dr. Bozano). (SANTOS, 2010, p. 135).

Esse acampamento é considerado o marco fundador de Santa Maria. É a partir dele que muitas representações acerca do passado da cidade são elaboradas e reelaboradas. Devido à cidade estar em um ponto de convergência para a região que estava sob domínio espanhol, tornou-se um ponto militar estratégico de controle de fronteiras.

Dentre os anos de 1878 até a década de 1950, ocorreu um grande processo de desenvolvimento, impulsionado pela implantação das estradas de ferro na cidade:

A implantação do sistema ferroviário no Brasil faz parte de um quadro internacional de exportação de tecnologia e capital desenvolvido por grandes nações do século passado como, a Inglaterra e a França; em nível nacional, dentro da perspectiva de consolidação do modelo capitalista. (PADOIM, 2010, p. 312).

No ano de 1898, a empresa belga chamada “*Compagnie Auxiliare des Chemis de Fèr du Brèsil*”, encampou a Rede Ferroviária Rio-grandense. Com isso, se instalaram na cidade, em 1903, funcionários belgas e franceses, formando um conjunto habitacional denominado Vila Belga. Em 1920, o Governo Federal encampou a *Compaing*, e o Governo do Estado a arrendou, passando a ser, em 1959, a Rede Ferroviária Federal S. A. (PADOIM, 2010).

Nesse período, a cidade recebeu contingentes populacionais belgas e franceses, mas nela já habitavam, desde a segunda década do século XIX, imigrantes germânicos e italianos, que se dedicavam, principalmente, às atividades de agricultura e comércio. Havia, também, imigrantes judeus e libaneses.

Santa Maria, centro do estado do Rio Grande do Sul, nesse momento tinha no comércio seu eixo de desenvolvimento. Sua posição estratégica fez com que se tornasse o principal entroncamento das linhas férreas no estado, [...], fazendo dela um dinâmico entreposto comercial. Praticamente todo o tráfego do estado passava pelos trilhos de Santa Maria a partir de então. Assim, a imagem de vilarejo foi sendo deixada para trás. (GRUNEWALDT, 2010, p. 336).

A instalação das linhas férreas na cidade impulsionou o crescimento econômico, social e cultural da cidade. Isso ressaltou, mais uma vez, a localização central da cidade, o que a caracteriza como um local de “passagem”.

Numa perspectiva geopolítica, a cidade era geograficamente um ponto equidistante dos Portos de Rio Grande e Porto Alegre, das vias férreas uruguaias, através de Santana do Livramento e Bagé, das vias férreas argentinas, através de Uruguaiana e São Borja, e também de São Paulo, no centro do país, com acesso ao interior e ao litoral. Portanto, um local próprio para recebimento e transbordo da produção econômica gaúcha e sua destinação para as demais áreas da região platina. (FLÔRES, 2007, p. 167).

Nesse período, outro setor que se desenvolveu e colaborou para a circulação de pessoas foi o militar. Atualmente, a cidade é considerada o terceiro maior contingente militar do país, contando com 17 unidades<sup>4</sup>. No início do século XX, a cidade possuía três unidades do Exército Brasileiro. Conforme destaca Flôres (2007, p. 159),

[...] por sua localização estratégica, no ano de 1922, foi criado o Parque de Aviação Militar de Santa Maria [...]. Esse parque foi prelúdio da futura base aérea, que mais tarde foi instalada no município, nos anos 70, e serviu para complementar, na prática, os intentos de segurança das autoridades brasileiras já demonstrados desde o Império, quando então apostara na implantação de ferrovias.

Os inúmeros militares transferidos para Santa Maria, muitos com suas famílias, contribuíram para a construção da cidade. Em virtude do elevado número de unidades militares, foi construído o Colégio Militar de Santa Maria, também conhecido como o “Colégio do Vagão”, pertencente a um sistema de treze colégios: o Sistema Colégio Militar do Brasil. A instituição iniciou suas atividades em 22 de março de 1994 com o objetivo de preparar para o ingresso na Escola Preparatória de Cadetes do Exército e Assistencial, e atender os filhos de militares transferidos. O Colégio atende do 6º Ano do Ensino Fundamental ao 3º Ano do Ensino Médio. Para ingressar na instituição, o aluno deve ser dependente legal de militar de carreira/reserva remunerada do exército ou de outras forças ou ser aprovado em concurso de admissão. Anualmente, é realizado concurso para o 6º Ano do Ensino Fundamental e 1º Ano do Ensino Médio. O “apelido” Colégio do Vagão deve-se a utilização de dois vagões ferroviários que serviam de sala de aula, quando a escola estava em fase de construção. Nesse período inicial, o Colégio Militar de Santa Maria foi instalado provisoriamente no Parque Regional de Manutenção. As novas instalações foram inauguradas em novembro de 1998.

<sup>4</sup> Mais informações, estão disponíveis em:

<<http://www2.al.rs.gov.br/noticias/ExibeNoticia/tabid/5374/IdMateria/155100/default.aspx>>.

Atualmente, o Colégio possui 780 alunos e um total de 83 professores, sendo esses militares e civis concursados para colégio Militar ou transferidos dos Institutos Federais.

O setor educacional é um dos grandes destaques de Santa Maria. A cidade, desde as primeiras décadas do século XX, possui inúmeras instituições de ensino. Sobre a iniciativa privada, Flôres (2007) aponta que era voltada para os filhos da elite do interior do Rio Grande do Sul. Os filhos de pessoas proletárias estudavam em escolas do governo estadual e municipal. Documentos apontam que a instrução pública na região inicia em 1838, época em que a cidade era um distrito de Cachoeira do Sul<sup>5</sup>. No canteiro central da Avenida Rio Branco, próximo a Catedral Diocesana, existe um Monumento Comemorativo ao Centenário da 1ª Aula de Santa Maria (1838-1938).

A cidade possui inúmeras instituições de ensino superior, destaca-se a formação, na década de 1960, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Em busca da formação no ensino superior, no início de cada ano, a cidade recebe um grande número de jovens. Contudo, muitos a deixam após terem concluído a faculdade. Desse modo, mesmo após o declínio da ferrovia, ocorrido principalmente a partir do final da década de 1950, a cidade se mantém como um espaço de “passagem” para muitos que residem temporariamente.

Minha intenção ao trazer essa contextualização histórica de Santa Maria consiste em apresentar como ela se constitui, ainda que um espaço amplo, em lugar de afetividade, de aprendizagem, de convivência para muitos que, como eu, concebem esta cidade como seu lugar. Nesse sentido, busco uma interlocução entre a minha trajetória e a trajetória e compreensão de outras pessoas que se relacionam-vivenciam Santa Maria e de que forma se constituem nesse lugar ao mesmo tempo em que esse “lugar” os constitui.

---

<sup>5</sup> No período, a cidade era um povoado chamado de Freguesia de Santa Maria da Boca do Monte e foi distrito de Cachoeira do Sul até 1858.

## 4.2 Caminhos para a pesquisa

As perspectivas teóricas e metodológicas que conduziram a pesquisa, a partir da qual se tornou possível esta dissertação, a qualificam como qualitativa, estando, também, de acordo com as concepções de uma abordagem fenomenológica. Nesse sentido, busquei apoio em Merleau-Ponty (1994, p. 01) quando o autor diz que “fenomenologia é o estudo das essências”, uma filosofia que aborda a essência da existência, de forma a compreender o homem e o mundo a partir das relações com os fatos que o constituem. Para Bicudo (2011, p. 29):

Fenomenologia é uma palavra composta pelos termos *fenômeno* mais *lógus*. Fenômeno diz do que se mostra na intuição ou percepção e *logos* diz do articulado nos atos da consciência em cujo processo organizador a linguagem está presente, tanto como estrutura, quanto como possibilidade de comunicação.

Tendo por base esses pressupostos, acredito ser possível inferir que tudo o que conhecemos provém com a nossa experiência de mundo, do mundo percebido, vivido e manifestado pelo corpo e seus estados de consciência. Essa é justamente a relação que busquei investigar, problematizando como os personagens participantes da investigação, entre os quais me incluí como observadora implicada no processo de observar, se relacionavam/vivenciavam o lugar e de que forma esse lugar os constituía. Por isso, ao realizar a investigação, acabei tornando-a, também, (auto)biográfica. Parti da minha própria experiência e de um grupo de alunos, formados durante as aulas da disciplina de Geografia, realizada no 9º ano do Ensino Fundamental, do Colégio Militar de Santa Maria. A turma contava com 30 alunos, na faixa etária de 14-15 anos e todos realizaram as atividades de pesquisa que foram propostas. As atividades tiveram a duração de 180 minutos (equivalente a 4 aulas de 45 minutos cada), e foram realizadas no decorrer do mês de agosto e setembro de 2017.

Julgo importante mencionar que no primeiro e segundo trimestres de 2017, o conteúdo trabalhado nas aulas de geografia do 9º ano foi relativo ao ‘continente europeu e asiático’, no qual abordamos assuntos atuais como conflitos, movimentos separatistas e migrações. Nesse sentido, considerei importante fazer uma relação com o sentimento de pertencimento que determinados povos possuem em relação ao lugar de origem. A partir desses temas, trabalhei conceitos como espaço, lugar, território e região.

Para tanto, propus uma sequência metodológica que pudesse contribuir para a realização da pesquisa. A sequência foi a seguinte:



➤ Durante a aula, apresentei o tema: Espaço e Lugar e, a partir desse assunto, solicitei que os estudantes refletissem a respeito de sua vivência em relação ao lugar. A seguir, cada aluno teve um tempo para expor de que modo (res)significou o tema. As interações que surgiram nesses momentos compuseram o material empírico desta pesquisa.

➤ Solicitei, ainda, uma pequena escrita dos estudantes a respeito das vivências e a sua relação com o lugar (ANEXO B). Para tanto, solicitei que respondessem aos seguintes questionamentos:

Que cidades você traz dentro de si?

Quais significações remetem esses locais?

Como aprende e significa esses lugares para si mesmo?

Dessas escritas, selecionei dez textos, escolhidos a partir dos seguintes critérios: que possuíssem elementos como vínculo afetivo, experiência, sentimento de pertencimento em relação ao lugar e, também, que pudessem colaborar para as reflexões a que me propunha. Um dos objetivos complementares desta proposta foi, através da narrativa, levar os alunos a identificarem como eles ressignificavam essas experiências de forma a se compreenderem a si mesmos.

O Colégio Militar de Santa Maria possui cunho assistencial: os filhos de militares que vêm transferidos de outras unidades podem ingressar na instituição, caso haja disponibilidade de vaga, sem necessidade de seleção. Isso permite que alunos de diversas partes do país, muitos dos quais tiveram a experiência de morar em mais de uma cidade, se encontrem formando uma mesma turma. Por esse motivo, escolhi a escola onde trabalho para fazer parte da minha pesquisa. Nesse sentido, lembro que as experiências vivenciadas são de extrema importância para as reflexões a serem realizadas em uma investigação narrativa.

### **4.3 Colaboradores da pesquisa**

Desde o primeiro momento, quando propus o tema para os estudantes e após a leitura das narrativas, foi possível identificar dois grupos distintos: um formado por aqueles que nasceram em Santa Maria e sempre viveram aqui e outro formado por filhos de militares que vieram de outras cidades e tiveram a oportunidade de morar em vários locais. No primeiro grupo, ficou logo evidente o amor pela cidade e o sentimento de pertencimento ao lugar. No segundo grupo, também foram raros os relatos que demonstraram insatisfação com Santa Maria. No geral, os

jovens se adaptaram logo e descreveram Santa Maria como uma cidade receptiva e com inúmeras oportunidades de lazer e estudo para sua vida de adolescentes.

Na identificação das narrativas, utilizei nomes fictícios com o intuito de preservar a identidade dos estudantes. Assim, inicio contando um pouco das escritas dos colaboradores da pesquisa.

O tema foi muito bem recebido logo que apresentei. Percebi que os jovens ficaram felizes e surpresos de terem a oportunidade de falarem/escreverem sobre suas vivências. Alguns, conscientes de sua pouca idade, declararam que não possuíam um lugar em especial. A estudante Ana explicou: “Nasci em Santa Maria, mas não pertencço somente a esta cidade. Carrego comigo inúmeros lugares e inúmeras experiências”. A seguir, ela partiu das leituras, das histórias contadas e da imaginação para se apropriar e dar sentido ao lugar:

*Ainda antes de nascer, por exemplo, já estive no Rio de Janeiro, lugar onde minha mãe morou quando estava grávida de mim.  
Já estive – através de histórias do meu bisavô- na Alemanha e até aprendi algumas palavras. Vivi no Nordeste do Brasil, a partir de histórias do meu pai e viajei pelo Canadá com os contos da minha tia.  
Através de livros, estive em mundos futuristas e medievais. Estive em Hogwarts e no chamado “Acampamento Meio-Sangue”.  
Vivi na França em 1919 e tomei o sofrimento da Primeira Guerra para mim mesma. Caminhei por páginas, fatos e memórias. Atravessei universos em segundos.  
E, em toda minha vida, já morei em lugares existentes e inexistentes. Aprendi coisas “inúteis”, como magia e coisas “úteis”, como a receita de um bolo.  
Posso não ter muitos anos de vida, mas já vivi muito. Já criei muitas lembranças, fiz mais do que apenas existir. Sou uma biblioteca de memórias. (Estudante Ana).*

Ana, em seu relato, deixa claro que todos os lugares onde morou ou visitou têm significados diferentes. Alguns existem no planeta Terra, outros, só na imaginação. Segundo ela: “alguns eu vi, outros eu sonhei”. Bachelard (1996, p. 08) argumenta que “certos devaneios poéticos são hipóteses de vidas que alargam a nossa vida... Um mundo se forma no nosso devaneio, um mundo que é nosso mundo”. Assim, a leitura abre um leque de possibilidades de interpretação e visões do mundo, de outras dimensões, que nem sempre são reais mas que permitem o “engrandecimento de nosso ser nesse universo que é nosso. Existe um futurismo em todo o universo sonhado...” (BACHELARD, 1996, p. 08).

Para Benjamin (2012, p. 230), “quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia”. Percebo que isso está presente na narrativa de Ana, quando descreve que já esteve na Alemanha através das histórias do bisavô, no Nordeste a partir das histórias do pai e no Canadá através dos contos da tia.

A possibilidade de interpretações e o exercício da narrativa permitem ao autor do texto entrar em contato com a experiência subjetiva e intersubjetiva de sua formação. Afinal, através das vivências e aprendizagens realizadas ao longo do seu percurso de vida, ele evoca recordações sobre os fatos marcantes e, também, conta sobre quais foram as experiências significativas e o que a vida ensinou, permitindo avaliar a importância desses fatos sobre a sua identidade (SOUZA, 2006).

No texto a seguir, a estudante Bia descreve com afetividade sua vivência em Santa Maria. Ela projeta o futuro e faz uma análise das aprendizagens ao longo da vida:

*Eu nasci em Santa Maria, sempre vivi aqui, no mesmo bairro, na mesma rua e na mesma casa. Durante esses quase quinze anos, acabei criando raízes nesta cidade, me apegando em cada cantinho, praças, clubes, lojas... mas, principalmente, sou muito ligada a minha casa e ao meu colégio, foi nesses lugares que vivi meus melhores momentos e tive do meu lado pessoas espetaculares.*

*Penso que depois que concluir meus estudos aqui, uma vez que Santa Maria tem uma ótima universidade, irei embora para conseguir melhores oportunidades de trabalho, porém acho que no momento decisivo, não terei coragem. Sei que existem cidades maravilhosas no mundo, mas nenhuma outra tem esse significado enorme de amizade e família para mim, e ambos juntos constituem a felicidade, e penso que na vida não há nada importante ou gratificante do que ser feliz e amado.*

*Morando aqui aprendi que na hora da dor, do sofrimento, devemos nos unir e cuidar uns dos outros. A felicidade deve ser compartilhada através de pequenos atos do cotidiano usando da boa educação e do companheirismo com o próximo. (Estudante Bia).*

Outro fragmento que colabora para evidenciar o amor por Santa Maria é da estudante Cris. Ela nasceu aqui, mas cresceu e viveu a maior parte da sua vida em outra cidade e, embora ela sinta saudades e tenha boas recordações desse local, escreve: *Santa Maria é outra cidade incrível, logo que me mudei para cá, já senti que pertencia à cidade. Os vizinhos acolheram minha família e fiz várias amizades que, com certeza, irão durar a vida toda.* Em suas narrativas, Cris e Bia deixam implícita a importância do acolhimento e das amizades para sentirem-se pertencentes ao local.

Nesse sentido, vale destacar que nas narrativas dos colaboradores desta pesquisa, surgem pessoas, lugares, vivências carregadas de sentimentos e que dão sentido a suas histórias.

Dani assim descreve o “seu lugar”:

*Nasci em agosto de 2002, no Hospital de Caridade e, desde então, nunca morei em outro local, que não fosse a cidade de Santa Maria. Passei minha infância inteira brincando na Praça dos Bombeiros e passeando no Calçadão, por isso, afirmo com orgulho que sou santa-mariense (...). Quando houve a tragédia da Kiss<sup>6</sup>, em janeiro de 2013, pude perceber o motivo de eu ter tanto orgulho da minha cidade. Os santa-*

<sup>6</sup> Casa noturna que incendiou em 27 de janeiro de 2013, resultando na morte de 242 pessoas.

*marienses são guerreiros e lutam com unhas e dentes por seus direitos, por isso, Santa Maria me transmite confiança. Quando penso em minha cidade, vários momentos alegres passam na minha cabeça. Além do Calçadão, um local muito marcante para mim é a UFSM, que agrega a cidade um espírito jovial. É muito gratificante chegar de viagem e dizer: “Já passamos a Base Aérea, estamos chegando”. (Estudante Dani).*

Em sua narrativa, Dani faz referência a um sentimento bastante comum nos viajantes que chegam a Santa Maria: “passamos a Base Aérea, estamos chegando”, pois essa unidade militar está situada na rodovia RS-287, que é o principal eixo de ligação da cidade com Porto Alegre e dezenas de outros municípios. Muitos santa-marienses compartilham com ela esse sentimento, pois quando passamos a “Base” sentimo-nos em casa.

Além da Base Aérea, o Hospital de Caridade, a Universidade Federal, o Calçadão, entre outros, destacam-se nas narrativas porque são locais que identificam a cidade de Santa Maria. Tuan (2013, p. 189) nos diz que “a cidade ou terra é vista como mãe nutriz; o lugar é um arquivo de lembranças afetivas e realizações esplêndidas que inspiram o presente; o lugar é permanente e por isso tranquiliza o homem”. Nesse sentido, a própria cidade é um lugar, um centro de significados, possuindo muitos símbolos bem visíveis que a identificam e diferem de outros locais.

Esse elo afetivo entre a pessoa e o lugar (como ambiente físico), é denominado por Tuan (2012, p. 19) como *Topofilia*. Para ele, o termo é “difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal”. O autor esclarece que a palavra *Topofilia* é um neologismo, possuindo um amplo sentido, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material, podendo variar de efêmero, pelo simples prazer que se tem ao vislumbrar uma paisagem ou o deleite de sentir o ar, a água, a terra e até sentimentos mais permanentes e difíceis de expressar que são aqueles que temos em relação ao lugar, “por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de ganhar a vida” (TUAN, 2012, p.138).

Freire (2013), na obra “À sombra desta mangueira”, revela que o seu primeiro mundo foi a casa onde nasceu. O autor descreve o quintal, como o seu mundo mais particular, com o seu arvoredo cheio de frutas, cores, cheiros e sons. Para ele:

*Aquele quintal foi a minha imediata objetividade. Foi o meu primeiro “não eu” geográfico pois que os meus “não eus” pessoais foram meus pais, minha irmã, meus irmãos[...] Foi com esses diferentes “não eus” que me fui constituindo como eu. Eu fazedor de coisas, eu pensante, eu falante. (FREIRE, 2013, p. 40).*

É a segurança da família, permeada de afetos, e as lembranças das primeiras experiências que propiciaram a leitura de mundo. Tuan (2013, p.17) alega que o termo “experiência” abrange

as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e pensa o contexto em que vive. Segundo ele, essas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual, assim como a maneira indireta de simbolização que inclui o pensamento e a emoção. Compreendo que todas essas sensações, percepções e concepções se fazem presentes na obra de Freire (2013, p. 41), especialmente quando considera que: “Antes de tornar-me um cidadão do mundo eu fui e sou um cidadão de Recife, a que cheguei a partir de meu quintal num certo bairro de Recife, o de Casa Amarela”. Para o autor, é a partir do local que ocorre a possibilidade de se mundializar, pois “ninguém se torna local a partir do universal. O caminho é inverso. Eu não sou primeiro brasileiro [...] para depois ser recifense. Sou primeiro recifense, pernambucano, nordestino. Depois, brasileiro, latino-americano, gente do mundo” (FREIRE, 2013, p.41). É a partir do lugar que ele conhece a si mesmo e ao mundo.

Nesse mesmo sentido, a estudante Elis descreve alguns locais da cidade, que são bastante conhecidos e significativos para ela:

*No dia 6 de março de 2003, no Hospital de Caridade, minha mãe deu-me a luz. Esse acontecimento foi muito importante e marcou a vida da minha família, que até hoje guarda memórias e recordações desse dia. O hospital, por ter sido o primeiro lugar que conheci quando vim ao mundo, é um dos mais especiais para mim, já que o local marcou o começo da minha jornada na minha amada cidade: Santa Maria.*

*Nessa cidade eu cresci, evolui, aprendi, errei, tentei, chorei, sorri. Conheci muitos amigos que levarei sempre comigo, visitei lugares que me fizeram sorrir e não conseguir mais parar, aprendi coisas novas e vivenciei experiências incríveis. No Campus da UFSM, aprendi a andar de bicicleta, no Clube Dorcas, dei meu primeiro beijo, no Colégio Militar, tirei meu primeiro 10 em uma prova, no meu condomínio, perdi meu primeiro dente. São tantos lugares que me trazem tantas emoções e me fazem amar essa cidade cada dia mais.*

*Meu prédio é um lugar muito importante para mim, pois lá conheci e fiz muitos amigos, me diverti e tive experiências inesquecíveis. Outro lugar especial e com grande significado para mim é a casa da minha vó, onde brinquei muito durante a minha infância, e tenho certeza que nunca esquecerei o cheiro bom de “comida da vó” que sentia ao adentrar a casa.*

*Todos esses momentos e lembranças eu guardarei comigo por toda a eternidade, nunca esquecerei os momentos incríveis que vivenciei aqui e os aprendizados que carregarei comigo. Essas recordações que criam um vínculo intenso entre a cidade e eu me fazem ter certeza de que eu nunca abandonarei Santa Maria, meu verdadeiro lar. (Estudante Elis).*

Assim, vale destacar que alguns eixos reveladores do ‘lugar como emergência de caminhos e convergências para o pertencimento e a aprendizagem’ destacam-se e são comuns em quase todas as (auto)narrativas: a infância, a família, a escola e sentimentos como segurança e amor. Para Josso (2002, p. 31), “as experiências, de que falam as recordações-referências

constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida”.

Outro colaborador da minha pesquisa procura significar sua existência destacando a importância das amizades e a família para se gostar de um determinado lugar. Ele acredita que, se você mora em um determinado lugar por muito tempo, acaba criando uma rotina que gosta de seguir e que essa rotina, infelizmente, pode acabar quando mudamos de cidade ou ocorre um rompimento familiar, como o divórcio dos pais (Estudante Fran).

Já no ponto de vista do estudante Gil, o “Lugar” seria algo muito relativo, de pessoa para pessoa e isso dependeria muito da vivência e da relação harmônica ou não entre os indivíduos que vivem em um determinado espaço. Ele, que nasceu e se criou em Santa Maria, cita como exemplo a sua vida:

*Eu, por exemplo, tenho muitos laços afetivos com a cidade do que alguém que mudou-se recentemente para cá, ou seja, pelo fato de ter me estabelecido e construído vários sentimentos em Santa Maria, esse lugar possui um grande e importante papel em minha vida e, se por acaso, um dia eu me afastar daqui sentirei grande saudade, pois como diz a música feita em homenagem a cidade “incerteza de quem entra, mas saudades de quem sai”.* (Estudante Gil).

A narrativa de Gil fornece elementos importantes como o amor e o tempo para se sentir pertencente ao local. Colaborando com esse pensamento, a estudante Heli declara que não pode considerar como o “seu lugar” um espaço no qual viveu por pouco tempo. Segundo Tuan (2013), o lugar adquire profundo significado mediante o acréscimo dos anos. Para o autor, espaço e tempo coexistem “entremesclam-se e cada um deles é definido de acordo com a experiência pessoal” (TUAN, 2013, p. 161).

*Partindo do pressuposto de que não pode-se considerar o “meu lugar” um espaço no qual apenas existi por instantes, ou até anos, dramatizando. Considero, para esse propósito, vários lugares nos quais vivi intensamente, me proporcionando inúmeras lembranças. Por ter nascido em Marabá-PA, conheci a cultura do Norte, mas esta fica só na saudade.*

*Quando chega uma chuva calma no fim da tarde, são lembrados em minha casa os anos que vivemos no Pará. Era rotineira a garoa. Podia-se dividir a tarde em “antes da chuva” e “depois da chuva”, era o que faziam nesta cidade maravilhosa – Marabá. Embora, conste em meus documentos “Marabaense”, não é do Norte minhas tradições.*

*Entre tantas maravilhas, a cultura gaúcha me encantou. Meu lugar é o Rio Grande do Sul, em seus bailes gaúchos, churrascos tradicionais, músicas com requintadas letras e ritmo das danças tradicionalistas, e seus mates bem cevados ao fim da tarde. Em Santa Maria, aprendi e vivi, mais profundamente na Vila Militar, onde, até depois de não ser mais moradora, continua sendo meu lugar ideal. Tantos amigos, histórias e sentimentos, que considero uma extensão de mim mesma.*

*Eu julgo um tanto errado dizer que precisa se estar no “seu lugar” para ser feliz. Como outros filhos de militar, tenho amizades e fortes laços com pessoas que talvez*

*nunca mais veja, então aproveito com prazer todos os lugares e amigos Também, sou muito grata por tudo que aprendi com eles. (Estudante Heli).*

Partindo do seu lugar de origem, Heli descortina memórias e contextos através da narrativa, procurando descrever marcas e implicações do seu itinerário até o momento atual e o papel exercido por esses lugares na sua formação. Esse contexto pode, igualmente, ser encontrado na narrativa de Iris, quando afirma que *Cresci rodeada de amor e amizades que certamente influenciaram em quem eu sou hoje*. Além disso,

*Sendo filha de militar, já morei em sete cidades diferentes, sendo elas: Cachoeira do Sul, Barreiras, Rio de Janeiro, Uruguaiana, Brasília, Salvador e, agora, Santa Maria. Acredito que essa experiência me tornou o que sou hoje.*

*Minhas memórias começam em Brasília, para qual eu me mudei quando tinha seis anos e fiquei até os dez. Brasília foi minha cidade favorita e eu sinto que é lá que eu pertença, embora eu também tenha gostado muito de Salvador.*

*No auge da infância, em Brasília, eu pude crescer sendo livre: a violência não preocupava e no meu prédio haviam muitas crianças, sendo assim, eu brincava na rua o dia inteiro.*

*Eu era a verdadeira “menina moleque”: assim que chegava do colégio, descia para brincar. Eu amava subir em árvores, correr, jogar futebol, brincar no parquinho, andar de patins... Na época de chuvas, nós sempre construíamos casas de papelão e assim que elas se desmanchavam, saíamos a correr, pular em poças e tomar os melhores banhos de chuva.*

*Nos finais de semana, nós sempre íamos ao Parque da cidade andar de bicicleta ou fazer um piquenique. No domingo, a atividade certa era churrasco no clube.*

*Eu não poderia ter sido mais feliz em Brasília. Cresci rodeada de amor e amizades que certamente influenciaram em quem eu sou hoje, e eu não poderia ser mais agradecida por ter tido uma infância incrível. Gostaria de voltar um dia, mesmo sabendo que não será igual, pois grande parte dos meus amigos também foram embora. Ser filha de militar é assim mesmo. (Estudante Iris).*

Ao refletir sobre os fatos importantes da sua vida, Iris procura dar sentidos às suas experiências, ressignificando momentos importantes dessa trajetória e que, são constitutivas da sua formação.

Jana, nesse mesmo, sentido, declara que

*Toda minha vida, desde que eu nasci e até o fim dos tempos, sei que uma parte de mim sempre ficará lá em São Sepé, na chácara dos meus avós maternos, no distrito do Cerrito do Ouro.*

*Sei que sempre que eu for para lá encontrarei um refúgio, no carinho e doçura do abraço da minha avó e, por mais que meu avô já tenha partido deste mundo, parece que, tantas vezes, ainda posso vê-lo montando na sua égua, comendo um churrasco que tanto gostava ou experimentando um saboroso vinho.*

*É pra lá que eu vou todo final de semana. O mundo fica mais cinza quando eu não chego na casa da minha avó e os meus cachorros vem me encontrar, felizes e saltitantes. Ou quando eu sento no sofá da sala para assistir um filme com a minha família e meus gatos imediatamente sobem para meu colo, pedindo atenção.*

*Com toda a certeza, um dos momentos que mais me tocam é encilhar um cavalo com meu pai (e, antigamente, com meu avô) e ir juntar o gado e as ovelhas, sentindo o vento bater em meu rosto ao mesmo ritmo do trotar do animal.*

*Para mim, esse lugar significa tudo. Adjetivos comuns não são suficientes para descrever o meu amor por esse pedacinho de terra. Lá eu aprendi que o amor por um parente vai além da morte. Aprendi que os animais não são objetos e, se você lhe oferecer seu coração, nunca estará sozinho. Aprendi a valorizar o silêncio de uma noite iluminada, onde o único barulho é o cri-cri do grilo e o retumbar do seu coração. Lá eu sou verdadeiramente feliz.* (Estudante Jana).

A partir da ação de pensar revisitando sua trajetória, a estudante Jana realiza o que podemos chamar de um diálogo interior, uma conversa com suas memórias. Assim, relembra e ressignifica o passado, fazendo um balanço das transformações e perdas que ocorreram ao longo do seu percurso. São os “não-eu” pessoais e os “não-eu” geográficos se fazendo presentes na sua narrativa.

Gumbrecht (2010) ajuda a compreender reflexões dessa natureza ao elaborar o conceito de produção de presença. Para o autor, *presença* significa algo que pode ser tocado, que seja palpável pelo tato ou pelo corpo humano (e que não tem a ver com a relação espacial do mundo e seus objetos). Já a palavra *produção*, refere-se ao “ato de trazer para diante um objeto do espaço”, portanto, *produção de presença* “aponta para todos os tipos de eventos e processos nos quais se inicia ou se intensifica o impacto dos objetos ‘presentes’ sobre os corpos humanos” (GUMBRECHT, 2010, p. 13). O autor denomina de “as coisas do mundo” os objetos disponíveis “em presença” e considera: “Se atribuímos um sentido a alguma coisa presente, isto é, se formarmos uma ideia do que essa coisa pode ser em relação a nós mesmos, parece que atenuamos inevitavelmente o impacto dessa coisa sobre o nosso corpo e os nossos sentidos” (GUMBRECHT, 2010, p. 14). E é isso que percebo nas narrativas dos colaboradores da minha pesquisa: as lembranças do passado, o contato com objetos, pessoas e animais que são significativos, tornam o passado, de certa forma, presente, ou, pelo menos, lhe dão outros sentidos. Esse desvelamento nada mais é do que “presença”. O autor refere-se a esses momentos como “momentos de intensidade”, pois acredita que o que é sentido “não é mais do que um nível particularmente elevado no funcionamento de algumas de nossas faculdades gerais, cognitivas, emocionais e talvez físicas” (GUMBRECHT, 2010, p. 127).

Os momentos de intensidade ocorrem quando nosso corpo reage ao perceber algum fato/objeto pelos sentidos, como, por exemplo, quando nos emocionamos ao ouvir um som (como Jana, ao ouvir o *cri-cri* do grilo), quando sentimos o cheiro ou o sabor de algum alimento ou o vento tocando a pele, entre outros.

Gumbrecht (2010) procura pensar a produção de presença através da linguagem e destaca sete modos através dos quais a presença pode existir na linguagem ou, em outras palavras, “sete modos de se amalgamar presença e linguagem” (p. 11): linguagem como presença; presença no



trabalho filológico; linguagem que pode desencadear uma experiência estética; a linguagem de uma experiência mística; a abertura da linguagem para o mundo; literatura como epifania e presentificação do passado (GUMBRECHT, 2009).

Entre os vários amálgamas possíveis, destaco, pela sua proximidade com as narrativas, o primeiro (linguagem como presença), e o sétimo amálgama (presentificação do passado).

Como uma realidade física, a linguagem falada não só toca e afeta o nosso senso acústico, mas também nossos corpos em sua totalidade. Assim, percebemos a linguagem em seu modo menos invasivo – isto é, muito literalmente – como o leve toque do som em nossa pele, até mesmo se não nos for possível entender o que supostamente suas palavras significam. (GUMBRECHT, 2009, p. 13).

O modo como a linguagem falada toca ou afeta o indivíduo varia de pessoa para pessoa. Muitas vezes, o som nos afeta através da intensidade do ritmo, da letra ou do tom, e isso independe do significado que ele expressa. Nesse caso, mesmo que não tenhamos compreendido as palavras proferidas, somos afetados pelo “conjunto da obra” ou, poderíamos dizer, pela concretude de sua relação direta com nosso corpo, de nosso ser enquanto devir.

O sétimo amálgama considera que a linguagem, influenciada por determinadas condições e variações, pode tornar o passado “tangivelmente presente” (GUMBRECHT, 2009, p.16). O autor refere-se à capacidade da linguagem de tornar o passado presente através da ilusão que temos ao tocar ou ver livros, ferramentas, construções, ou quando visitamos sítios arqueológicos os quais relacionamos ao passado. Essa forma de evocar o passado através da materialidade é uma maneira de satisfazer o desejo que temos de estar em contato físico e de nos relacionarmos com esse passado.

Sempre que “tornamos presentes” coisas, corpos ou sentimentos, ativamos e acentuamos aquela dimensão da experiência que, em minha tipologia introdutória básica, chamo de “cultura de presença”. Cultura de presença [...] é diferente de cultura de sentido porque não nos impõe a obrigação e a expectativa constantes de que devemos transformar o mundo por meio de nossas ações. Ao contrário, a cultura de presença nos assinala um lugar dentro da cosmologia estável, insinuando que a passagem do tempo não será vivenciada como produtora de uma distância *vis-à-vis* com o passado. (GUMBRECHT, 2009, p. 17).

Em uma cultura de presença, o humano é visto como parte do mundo e o corpo, como parte da sua existência, é que fará a aproximação entre ser e objeto. Na cultura de sentido, é o pensamento que se distingue, através da subjetividade, da atribuição de significados e interpretações ou, até mesmo, das projeções que fazemos dos nossos desejos para o futuro. Isso significa que na nossa relação com as “coisas do mundo” existe uma amalgamação entre os dois

conceitos, pois “só os efeitos de presença apelam aos sentidos” (GUMBRECHT, 2010, p. 15). Nesse caso, os dois elementos aparecem juntos, em maior ou menor grau, tensionando um ao outro.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar os resultados da pesquisa, constato a presença da tríade: família, amigos e amor como emanções de sentidos do lugar como emergência de caminhos e convergências para o pertencimento e a aprendizagem. Para tais reflexões importa pensar que família, amigos e amor são caminhos que se inventam na e da convivência que só pode ocorrer nos lugares. Nesse contexto, essa tríade é que transforma, para nós, os locais e os espaços em lugares.

A partir disso, podemos ter ideia da maneira como os colaboradores desta pesquisa conhecem e interpretam suas vidas. Por se tratar de um grupo de jovens adolescentes, na faixa de 14/15 anos, o passado, o presente e o futuro são elementos constantes em suas narrativas. As intersecções que surgem entre a minha história e a história dos estudantes apontam para o que é comum, isto é, as experiências vivenciadas que constituem os mesmos desejos, as mesmas marcas, independente da maneira como foram pronunciadas. Para Merleau-Ponty (1994, p. 18), “o mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras”.

Assim, destaco as reflexões aqui produzidas emergem da aproximação das narrativas dos estudantes com minha própria história de vida, como registros de uma ação poética; ação de inventar sentidos outros àquilo de que somos constituídos – a carne (terra), a água, o ar, o fogo e o éter (simbolizando os aspectos sensíveis/invisíveis do devir humano). Nesse caso, buscamos significar nossas existências, atribuindo sentido a “experiência vivida”.

Durante o estudo, pude perceber que a investigação trouxe sentidos e percepções que até então não haviam emergido. O modo como as memórias aparecem, como o lugar é percebido e expresso nas narrativas, é revelado pelo aspecto sensível e existencial, conferindo à linguagem o papel de produtora de presença, já que ela pode gerar momentos de intensidade capazes de afetar o corpo humano, mas, também, produzir sentido e possibilitar interpretações outras dos fatos. Esse desejo de presença é uma das percepções fundamentais da pesquisa. Na verdade, uma forma de nos conectarmos com o passado e de projetarmos o futuro. De acordo com Gumbrecht (2010, p. 136), “todas as nossas relações (humanas) com as coisas do mundo devem ser relações fundadas ao mesmo tempo na presença e no sentido”, embora, na maioria das vezes, ignoramos o sentido de presença.

*O lugar como emergência de caminhos e convergências para o pertencimento e a aprendizagem* veio se constituindo ao propor uma reflexão em torno do conceito de lugar e de como ele é percebido por um grupo de estudantes. Procurei orientar a pesquisa através das

narrativas dos estudantes utilizando para tanto uma abordagem (auto)biográfica. Alguns autores foram centrais para a realização desse trabalho. Entre eles, destaco Delory-Momberger (2011; 2012), Abrahão (2004), Passegi (2010), entre outros, ligados à autobiografização e às narrativas. O método (auto)biográfico oportuniza o conhecimento de si, como exemplifica Josso (2007, p. 420):

Abordar o conhecimento de si mesmo pelo viés das transformações do ser – sujeito vivente e conhecente no tempo de uma vida, através das atividades, dos contextos de vida, dos encontros, acontecimentos [...] é conceber a construção da identidade [...]da existencialidade, como um conjunto complexo de componentes.

Estas narrativas, e diversas outras que surgiram e que não priorizei nesta dissertação, já que a proposta era selecionar dez (auto)narrativas de acordo com as vivências dos estudantes em relação ao lugar, abriram espaço para os jovens falarem de si. Mas, vale mencionar o fato de que surgiram denúncias de *bullying*, problemas familiares, relatos de doenças, entre outras. Essas, preferi não utilizar no meu trabalho, mas encaminhei para o setor psicopedagógico da escola onde trabalho para que os profissionais que atuam no setor ficassem cientes dos problemas narrados e tomassem as providências cabíveis. As experiências vivenciadas, boas ou ruins, foram narradas, a meu ver, como uma forma de desabafo ou oportunidade de dar visibilidade a sua história de vida, uma vez que tais reflexões surgiram a partir do que vivem e do que fazem. O que considero importante, aqui, é destacar o fato de que através do diálogo consigo mesmos, oportunizado aos jovens pelas ações desta pesquisa, foi emergindo um processo formativo, de aprender a pensar, como forma de autoconhecimento e subjetivação de suas vidas<sup>7</sup>. Segundo Maturana (2001, p.30) “A reflexão é um processo de conhecer como conhecemos, um ato de voltar a nós mesmos, a única oportunidade que temos de descobrir nossas cegueiras e reconhecer que as certezas e os conhecimentos dos outros são, respectivamente, tão aflitivos e tão tênues quanto os nossos”. A reflexão permite que nos aproximemos do nosso mundo experiencial, do nosso fazer e conhecer, e além disso, possibilita ressignificar o passado, organizar o presente e planejar o futuro.

Portanto, escrever sobre o lugar é escrever sobre nós mesmos, nossa identidade, procurando compreender nossa história de vida. Com relação ao lugar como espaço geográfico/espaço afetivo, busquei suporte teórico nas obras de Milton Santos (1985; 1996;

---

<sup>7</sup> É importante destacar o fato de que a potência formativa das ações de pesquisa realizadas, especialmente das (auto)narrativas, conquistou o interesse da instituição em que atuo, sendo que as mesmas serão propostas novamente, para novas turmas, como ações pedagógicas de formação para os jovens estudantes.

1999) e, principalmente, nas obras de Yi-Fu Tuan (2012; 2013), autor que aborda o tema a partir de um aporte fenomenológico.

Vale destacar, ainda, que me reconheço nas escritas dos estudantes, assim como me reconheço nesta escrita, e descubro a importância de se trabalhar com narrativas (auto)biográficas. Através da história particular de cada um no ato de descrever a sua trajetória, seus valores, estratégias, sonhos almejados, comportamentos, enfim, todos os elementos que emergem, é possível constatar, nas reflexões produzidas, momentos de estar e se perceber no mundo.

É importante ressaltar que o estudo que realizei está longe de se esgotar, podendo proporcionar outros pontos de vista, questionamentos e interpretações.

Escrever esta dissertação foi um dos maiores desafios que enfrentei e, ao término, constato que sou muito mais forte do que eu poderia supor. Momentos difíceis na vida pessoal e sérios conflitos com o nosso pior inimigo: o pensamento que, às vezes, nos limita. Nesse estranhamento causado pelo caos, consegui produzir e me descubro como um novo ser. É o dever da pesquisa: novas aprendizagens, outros sentidos e que me fazem recordar um poema de Álvaro de Campos, um dos principais heterônimos de Fernando Pessoa, quando diz “Sim, sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo... Sou eu aqui em mim, sou eu... Quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou. Quanto quis, quanto não quis, tudo isso me forma” (PESSOA, 2007, p.384).

Repleta de sentido, a poesia de Fernando Pessoa nos permite uma reflexão sobre si mesmo, nos auxiliando a entender o processo de (trans)formação que ocorre a partir das nossas vivências, das memórias e percepções. Esta reflexividade autobiográfica, está presente nas narrativas e na minha própria, no ato de escrever esta dissertação e que me permite concluir que, ao final desses estudos, “O lugar como emergência de caminhos e convergência para o pertencimento e a aprendizagem”, pode ser, e é potente, para o debate e reflexão a respeito da educação e para pensar a educação, uma vez que emergem elementos, não apenas geográficos, mas sobretudo pedagógicos, educacionais.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto)biográfica: tempo, memória e narrativas. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.
- BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC). Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pdf/4.4.1\\_BNCC-Final\\_CH-GE.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pdf/4.4.1_BNCC-Final_CH-GE.pdf)>. Acesso em: 01 Fev. 2018.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BIANCHETTI, Lucídio. O processo da escrita. Elementos inibidores e facilitadores. In: \_\_\_\_\_.; MEKSENAS, Paulo (Org.). *A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa*. Campinas: Papirus, 2008.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica*. São Paulo: Cortez, 2011.
- \_\_\_\_\_. Sobre a Fenomenologia. In: \_\_\_\_\_.; ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha (Orgs.). *Pesquisa Qualitativa em Educação*. Piracicaba, São Paulo: UNESP, 1994.
- BIASOLI, Vítor. *Santa Maria ontem & hoje: crônicas*. Porto Alegre: Movimento, 2010.
- CANELLAS, Marcelo. *Províncias: crônicas da alma interiorana*. São Paulo: Globo, 2013.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do Mundo*. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CUNHA, Renata Cristina. A pesquisa narrativa: uma estratégia investigativa sobre o ser professor. In: *Encontro de pesquisa em educação da UFPI*. Teresina: EDUFPI, 2009. Disponível: <<http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.2/35Renata%20Cristina%20da%20Cunha.pdf>>. Acesso em: 02 Jun. 2017.
- DELORY-MOMBERGER, Cristine. Abordagem metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*. v.17, n.51, set.-dez. 2012. p. 523-740. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf>>. Acesso em: 5 Maio. 2017.
- \_\_\_\_\_. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v.27. n. 01, abr. 2011. p. 333-46. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v27n1/v27n1a15.pdf>>. Acesso em: 15 Abr. 2017.
- DIÁRIO DE SANTA MARIA. Santa Maria. Jornal. 2017.

DILTHEY, Wilhelm. *Introduction to the Human Sciences*. Tradução de Michael Neville. New Jersey: Princeton University Press, 1989.

ECHEVERRÍA, Rafael. *Ontologia de lenguaje*. Buenos Aires: Granita, 2006.

FLÔRES, João Rodolpho Amaral. *Fragmentos da história ferroviária brasileira e rio-grandense: fontes documentais, principais ferrovias, Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS), Santa Maria, a “Cidade Ferroviária”*. Santa Maria: Pallotti, 2007.

FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADAMER, Hans Geog. La Educación es Educarse. *Revista de Santander*, 1999. Disponível em: < <https://www.uis.edu.co/webUIS/revista6.pdf>. Acesso em: 01 Nov. 2017.

\_\_\_\_\_. *Verdade e Método II*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002a.

\_\_\_\_\_. *Verdade e Método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Tradução de Flávio P. Meurer. Rio de Janeiro: Vozes, 2002b.

GOLDBEG, Natalie. *Escrevendo com a alma: liberte o escritor que há em você*. Tradução de Camila Lopes Campolino. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2008.

GRUNEWALDT, Silvana. Santa Maria e a modernização da paisagem urbana no final do século no final do século XIX e início do XX. In: WEBER, Beatriz Teixeira; RIBEIRO, José Iran (Orgs.). *Nova história de Santa Maria: contribuições recentes*. Santa Maria: 2010.

GRUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Tradução de Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

\_\_\_\_\_. A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado. In: *História da Historiografia*. Ouro Preto, n.3: 10-22, 2009. Disponível em: < <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/68>>. Acesso em: 01 Nov.2017.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Educação*, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2741/2088>>. Acesso em: 01 Nov.2017.

\_\_\_\_\_. *Experiências de vida e formação*. Lisboa: EDUCA, 2002.

LARROSA, Jorge. Ensaio, diário e poema como variantes da autobiografia: a propósito de um “poema de formação” de Andrés Sánches Robayna. In: SOUZA, Elizeu C.; ABRAHÃO, Maria Helena M. B. (Org.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2006.

\_\_\_\_\_. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Tradução de Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, nº 19, p. 19-28, jan/fev/mar/abr, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141324782002000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782002000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 12 dez. 2017.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001 a.

MATURANA, Humberto R. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Tradução de Cristina Magro e Victor Paredes. Belo Horizonte: UFMG, 2001 b.

\_\_\_\_\_. *Formação humana e capacitação*. Tradução de Jaime A. Classen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MILDER, Saul Eduardo (et.al.). Ocupação pré-colonial da região de Santa Maria por grupos horticultores. In: WEBER, Beatriz Teixeira; RIBEIRO, José Iran (Orgs.). *Nova história de Santa Maria: contribuições recentes*. Santa Maria: [s.n], 2010.

MOREIRA, Ruy. *Geografia e práxis: a presença do espaço na teoria e na prática geográficas*. São Paulo: Contexto, 2012.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2011.

NÓVOA, Antônio. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

PADOIM, Maria Medianeira. A viação férrea e o desenvolvimento do comércio e da indústria de Santa Maria. In: WEBER, Beatriz Teixeira; RIBEIRO, José Iran (Orgs.). *Nova história de Santa Maria: contribuições recentes*. Santa Maria: [s.e], 2010.

PAGNI, Pedro; BUENO, Sinésio; GELAMO, Rodrigo (Orgs.). *Biopolítica, Arte de Viver e Educação*. São Paulo. Marília: Cultura Acadêmica Editora, 2012.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: \_\_\_\_\_.; SILVA, Vivin Batista da (Orgs.). *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.



PELLANDA, Nize Maria Campos. *Maturana & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*: Volume único. Organização de Maria Aliete Galloz. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

PINEAU, Gaston. *Temporalidades na formação: rumo a novos sincronizadores*. Tradução de Lucia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM, 2003.

SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo. As origens missioneiras de Santa Maria. In: WEBER, Beatriz Teixeira; RIBEIRO, José Iran (Orgs.). *Nova história de Santa Maria*: contribuições recentes. Santa Maria: [s.e], 2010.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. *Da Totalidade ao Lugar*. São Paulo, Edusp, 1996.

\_\_\_\_\_. *Espaço e Método*. São Paulo, Nobel, 1985.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, Elizeu.; ABRAHÃO, Maria Helena (Org.). *Tempos, narrativas e ficções*: a invenção de si. Porto Alegre: Edipucrs. (2006).

SILVA, Juremir Machado. *PARA Navegar no século XXI*. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2000.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

\_\_\_\_\_. *Topofilia*: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL. *Normas para apresentação de trabalhos acadêmicos*. Universidade de Santa Cruz do Sul. ed.atual. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2013.

**ANEXOS**



## ANEXO A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Santa Maria, 28 de agosto de 2017.

### O LUGAR COMO EMERGÊNCIA DE CAMINHOS CONVERGÊNCIAS PARA O PERTENCIMENTO E A APRENDIZAGEM

**Pesquisador(a):** Denise Conceição Ribeiro

e-mail: [denisecrib@hotmail.com](mailto:denisecrib@hotmail.com)

**Orientador(a):** Prof. Dr. Felipe Gustsack (Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado – UNISC)

Caro responsável pelo Aluno(a) \_\_\_\_\_

Venho por meio deste termo convidar o aluno(a) a participar, como voluntário, em uma pesquisa de Mestrado do PPGEduc da Universidade de Santa Cruz do Sul.

1. **Natureza da pesquisa:** a pesquisa tem por objetivo investigar o conceito de lugar, buscando problematizar como os personagens investigados (alunos) se relacionam/vivenciam o lugar e de que forma esse – o lugar – os constitui.
2. **Envolvimento na pesquisa:** O aluno tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para o mesmo. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa por meio do e-mail do pesquisador do projeto.
3. **Confidencialidade:** Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Não será utilizado o nome do aluno.
4. **Benefícios:** ao participar desta pesquisa o aluno não terá nenhum benefício financeiro direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre o processo de ensino e aprendizagem na disciplina de Geografia, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa ser utilizado em sala de aula por docentes e discentes.
5. **Local e Horário:** a pesquisa será realizada durante as aulas de Geografia do CMSM podendo, também, ocorrer no contraturno, não havendo prejuízo para as atividades regulares. O planejamento inicial prevê a realização de 04 (quatro) encontros.

6. **Pagamento:** O aluno não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Com base nestes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Eu, \_\_\_\_\_  
responsável pelo Aluno(a) \_\_\_\_\_  
concordei que o mesmo participe, de forma voluntária do projeto de pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável

